

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Pedro Rabelo
Alma Alheia



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Pedro Rabelo

Alma Alheia

Publicado originalmente em 1895

**Pedro Carlos da Silva Rabelo
(1868 – 1905)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 194



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Pedro Rabelo: “*Alma Alheia*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Pedro Rabelo (P. Carlos da Silva R.), jornalista, contista e poeta, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de outubro de 1868, e faleceu na mesma cidade em 27 de dezembro de 1905. Quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, ele tinha apenas 28 anos, mas seu nome como contista já estava firmado. Participou das reuniões de instalação da Academia, indicando como seu patrono o nome do amigo de todas as horas, Pardal Mallet, que falecera dois anos antes.

Era filho de Joaquim de Oliveira Rabelo e de Firmina Rodrigues Silva Rabelo. Foi, em tudo, um carioca típico. Muito jovem começou a colaborar na imprensa e firmou seu nome como jornalista, participando, antes dos vinte anos, da campanha abolicionista. Estava presente nas rodas boêmias de então. Seus amigos mais próximos, além de Pardal Mallet, foram Olavo Bilac e Guimarães Passos. Como todos os do grupo, colaborou em inúmeros jornais. Faleceu com apenas 37 anos, e sua obra publicada é pequena. Como poeta, deixou um livro de versos líricos, subjetivos, enquanto o contista registrou aspectos da vida familiar do seu tempo.

*Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014*

ÍNDICE

OBRA COMPLETA	1
O JEROMO	20
CURIOSA	25
CASA DE ADULTÉRIO	34
A BARRICADA	39
CÃO!	50
GENIAL ATOR!	55

OBRA COMPLETA

O guarda dissera-lhe que se podia ir embora. Turíbio mirava-o, olhos abertos e fixos. Tinha uma expressão de doido. Ia para perguntar o que era, mas, a um movimento do outro, deteve-se, humilde. O guarda deitou-lhe a mão ao ombro, muito calmo:

Anda, põe-te lá fora...

— Lá fora...

Os olhos abriam-se-lhe desmesuradamente.

Hesitava; afinal decidiu-se.

Lá fora — e indicava a porta aberta, dando para o pátio — Lá, na rua?

— Na rua, sim... Anda, põe-te lá fora. Turíbio passava a mão pela cabeça, olhava estupidamente. Desceu a mão pela nuca, passou-a pela barba hirsuta e crescida. Olhava. E arriscou umas palavras, a medo:

— Posso ir para casa?

O outro desatou a rir

— Como é? Para casa? — e ria-se. — Queres ir para casa, não é?!

E achava-lhe graça. Queria ir para casa; era boa! Veio-lhe um acesso de tosse. E repetia:

— Com que então queres ir para casa, hein?

Turíbio calara-se, cabeça baixa. Esteve assim um pouco; levantou a cabeça por fim:

— Não senhor... — e desculpava-se, muito humilde. — Não queria ir para casa. Ia, mas era se V. S me desse licença... — e aparentava um sorriso; as palavras saíam-lhe a custo. — Não era porque eu quisesse, não senhor; — embargava-se-lhe a voz na garganta — ia porque V. S me estava mandando embora. Mas V. S me desculpe...

Falava como uma pessoa a quem se acenasse com uma esperança para fazê-la desaparecer desde logo. E repetia com a voz estrangulada:

— V. S desculpe... Pois se eu nem me quero mais ir embora!

O guarda tinha os olhos cheios de lágrimas, à força de rir. Queria ir para casa, o diabo do homem! Enxugou os olhos, levou o lenço à boca. E, agarrando-o por um braço:

— Queres ir para casa, não é? Pois vai...

Tossia; levou outra vez o lenço à boca:

— É boa! Pois vai... Vai, se a encontrares! O que é preciso é que te não demores por aqui. Põe-te na rua, anda!

Empurrou-o, bateu-lhe a porta nas costas. Turíbio ficou parado, no pátio, a olhar para fora. Deu uns passos, correu os olhos pelas paredes, altas, distantes. Moveu os braços, respirou forte. Para lá da porta ficava a sala de espera, vasta, caiada de novo. Ele atravessou-a. Mas, pelo corredor ao lado, vinha um sujeito de óculos. Turíbio parou, tímido. Não fosse ele mandá-lo para dentro. E ficou à espera, trêmulo, resignado.

O sujeito vira-o, acenava-lhe com a mão:

— Seja feliz, hein, irmãozinho; seja feliz! Veja se nos não torna a ocupar. Ele acompanhava-o com os olhos, indeciso, surpreso. Dum banco próximo, agarrado à parede, meio oculta pela sombra, surdira uma figura esquelética de mulher. Embrulhava-se num xale, tinha um pequeno ao colo. E foi para o dos óculos; cumprimentava com a cabeça, a fala em pranto, os olhos cheios d'água:

Senhor doutor... Eu vinha para visitar o 18...

— As terças, filha; às terças é que são as visitas. Está l na porta; é a ordem... Venha depois de amanhã. É a ordem; às terças é que são...

E sumiu-se por uma porta. A mulher teve um gesto de desânimo; ajeitou o pequeno ao ombro, pôs-lhe o xale pela cabeça, e saiu. À frente da casa, o jardineiro regava duas enfezadas palmeiras, em tinas, irrompendo dentre moitas de tinhorões rubros. Turíbio seguira; desceu os dois largos degraus de pedra da entrada, pisou o cascalho do jardim. Ia para transpor o portão, mas o jardineiro detivera-se e olhava-o. Ele arriscou um cumprimento:

— Deus Nosso Senhor lhe dê bons dias, patrão!

— Deus o salve a você! E que permita que nunca mais o vejamos cá por casa...

Turíbio agradecia:

— Muito obrigado ao senhor! Deus que o permita! enchia-se de coragem: — Deus que o permita... Olhe muito obrigado ao senhor!

Caiu; mas da rua voltou-se ainda para trás. O jardineiro curvara-se, cuidava das plantas. O sol caía do alto, rútilo, sobre o áspero cascalho do jardim. Perto, ao alto do morro, badalavam sinos; e da capelinha para cá derramava-se o casario do povoado, atabalhoadamente pintalgado de cores vivas. Turíbio mirava a casa. Há doze anos era acanhada e úmida; pelo telhado limoso e negro, à sombra de copadas árvores, desoladas plantas raquíticas finavam-se, baldas de calor. Agora, erguia-se para o sol, vasta e nova. E às janelas, as grades de ferro tinham uma coloração artística de bronze.

Abanou a cabeça; olhou ainda um pouco. Seguiu afinal. Ia embora. O jardineiro, porém, vira-o parado, e teve uma idéia. Correu à porta, chamou-o:

— Eh lá, 6 amigo! — e gritava — Ó amigo! — e, sardônico: — Onde diabo vai você assim?...

Ele parou. Fez-lhe um nó na garganta. Uma cousa gélida subia-lhe, rápida, à cabeça. Tremiam-lhe as pernas.

— Ó amigo! Olhe, faça favor...

Turíbio veio. O que ele entrevira há pouco, o que ele sonhara, tudo lhe desabava de repente. Sentia-o ruir no cérebro. Veio, não porque o quisesse; as pernas traziam-no, mau grado seu. Entrou. Tinha as feições desfiguradas. Passou a manga da camisa pelos olhos; ia para subir os dois largos degraus de pedra. O jardineiro agarrou-o:

— Onde diabo vai você, homem?

Turíbio sacudiu-se num ímpeto, para se desvencilhar do outro:

— Vou pra cima... Lá pra cima...

E num desabafo:

— Lá pra cima, pra o inferno!

— Ó homem de Deus! — e o jardineiro parecia arrependido de o ter chamado. Que pensa você que a gente lhe quer? — o outro olhava-o; não compreendia

cousa nenhuma. — Você que ir embora? Se quer, olhe lá que já aqui não está quem falou... Co'os diabos! A gente até se arrepende de lhe querer fazer bem!

Fazer bem; queria-lhe fazer bem. Turíbio ficou olhando, calado. O jardineiro falava, batendo-lhe no ombro:

— Vai você por aí, sem casaco e sem chapéu; a gente chama-o; põe-se você com essa cara que até dá vontade de lhe voltar as costas, para a não ver.

E ele recordava-se. É, ia por ali sem casaco e sem chapéu. Mas tinha-os em casa. E concordava:

— É, vou... Mas tenho-os em casa.

— Em casa, onde?

— Em casa, lá em casa...

O outro sacudiu a cabeça:

— Qual! você até parece que não entende das cousas... Que casa é que você tem? onde é? Que diabo é que você tem em casa?

— A minha roupa... — e corno se lhe houvesse recordado alguma cousa melhor.
— A minha filha!

Enchia-se-lhe o rosto de júbilo, àquela idéia da filha. Brilhavam-lhe os olhos. O jardineiro fitou-o; talvez duvidasse da seriedade do que ele estava dizendo. E não lhe tirava os olhos de cima; não lhe perdia uma contração, um movimento.

Afinal:

— Você está falando sério?

Turíbio nem lhe escutara a pergunta. Repetia muito baixo, somente para si:

— A minha filha!

O outro teve um gesto de piedade:

— Olhe, 22, venha cá... — e passou-lhe o braço pelos ombros. — Venha cá comigo. Você parece-me um bom homem.

Turíbio deixou-se ir; parecia que já se não recordava de mais nada do que lhe estava em redor. Calara-se, alheio a tudo, como quem mergulha num sonho. Foram pelo corredor, ao lado da casa. Ao fundo era o quarto das ferramentas, pequeno, de tábuas. Entraram. Dependurada do tabique, pendia a roupa de uso. O jardineiro tomou de um paletó esverdeado, roto:

— Escute, 22. — Turíbio olhava em roda, à toa.

— Escute... Leve isto para você... Tenho também ali um chapéu velho — o outro mirava-o, pasmo. — Está um pouco velho... — ele dizia-lhe que não, com a cabeça. — Está; mas que diabo! antes um casaco roto do que nenhum. — Turíbio fizera um gesto de recusa. — Leve-os, eu tenho outros; comprei-os há dias...

E pôs-lhe o casaco aos ombros; ajudava-o a vestir as mangas:

— Você há pouco estava com medo, não era?

— É que... O senhor sabe; é que às vezes a gente... — passava a manga do casaco pelos olhos, para enxugar as lágrimas; ria-se. — A gente, às vezes, sabe lá o que tem...

O jardineiro examinava-lhe a roupa:

— Fica-lhe a matar! Olhe, é só para ver...

Foi a um canto da parede, agarrou lá um pedaço de espelho, colado a um retalho de cartão, preso por tiras de papel de cor; pô-lo diante dos olhos de Turíbio, obrigou-o a segurá-lo:

— Veja só... Olhe que nem de encomenda!

Fê-lo voltar-se de costas. Olhava.

— Nem de encomenda! Parece que foi feito para você!

Turíbio tomou do espelho, fitou-o um pouco, levantou-o mais, para ver bem. Passava a mão pela barba, pelo rosto magro, pelos cabelos crescidos. O rosto dele, muito pálido, muito grave, contrastava com o do outro. Palpava com os dedos as covas amarelas da face. Ficou muito tempo, olhando. E abanava a cabeça, com um ar desolado, em silêncio.

— Hein? — perguntava-lhe o jardineiro. — Que tal? Está-lhe a matar!

— É — e Turíbio voltava-se para ele, muito sério. — É uma esmola que eu lhe hei de pagar. A gente neste mundo sempre se encontra, mais dia, menos dia... — olhava para a porta. Bem, eu vou indo... — e esperava a ver se o outro lhe não dizia nada. — Eu vou indo... Muito obrigado ao senhor!

— Nem por isso!

— Deus Nosso Senhor é que lhe há de dar o pago.

Saía, chapéu na mão. O jardineiro acompanhou-o; levou-o até a porta, à entrada. Ele voltou-se ainda:

— Deus lhe dê muito ao senhor, e que lhe não falte...

Demorou-se um pouco, a olhar para os lados, como quem se orienta. O caminho fazia uma curva à esquerda; seguia, ladeando cercas; súbito, descia para o vale. A direita, era o povoado, em morro íngreme. E abaixo dele, para longe, através dos campos, quase na orla azulada dos montes longínquos, sumia-se a linha de postes da via férrea — onde, por neblinosas madrugadas e ásperas tardes frígidas, férreos, pesados comboios rolavam, abalando o silêncio de em redor...

Turíbio tomou à esquerda; andava a custo, com esforço, com fadiga. Por vezes, iluminavam-se-lhe os olhos, murmurava muito baixo — “A minha filha!” Num ponto, deteve-se, mirou o sol — “Pra mais de onze...” E seguiu. A estrada, em declive, ajudava-o a descer. Puxou o chapéu para o rosto. Embaixo, onde começavam os campos, deteve-se ainda. O caminho cansava-o; respirou comprimindo o peito. E foi por um atalho, por entre terras úmidas, para lá, muito longe, onde árvores se erguiam e uma torre tocava o céu.

Mas, dentre sáfaras moitas hispídas de hispídos espinheiros, uma dulçurosa, trêmula toada surdiu:

Peito que foi magoado Bote pra fora a paixão...

Um homem vinha, pela estrada próxima. Passou através dos espinheiros, desapareceu numa curva, surgiu afinal, adiante. Cantava. E a voz dele, nostálgica e saudosa, espalhava-se, nítida, pelo ar:

*Peito que foi magoado
Bote pra fora a paixão;
Amor não pode morar
Onde mora a ingratidão...*

Demorava-se, numa última nota, e, numa outra nota prolongada, repetia:

Aaaah...

*Amor não pode morar
Onde mora a ingratidão.*

Turíbio parou; o homem vinha para ele. Tirou o chapéu:

— Com perdão do senhor, hein... Fazer parar assim uma pessoa... É que eu queria ir para Santa Tomásia... Já nem sei mais onde é.

— Santa Tomásia?

— Santa Tomásia. Eu tenho lá uma filha.

O homem refletia — “Santa Tomásia... Santa Tomásia.” E, alteando a voz:

— O senhor quer ir para a Santa Tomásia?

—E...

— Veio de muito longe?

— Vim de lá de cima.

Turíbio apontava o morro, distante, para lá da linha de postes da via férrea.

— Da banda da Cadeia Nova?

— É... Da banda da Cadeia.

O homem fazia por se recordar onde era a Santa Tomásia:

— Santa Tomásia... O senhor já lá esteve?

— Há tantos anos!

— Muitos, pra mais de dez?

Turíbio encolheu os ombros:

— Já lá se vai tanto tempo!

O outro ficara em silêncio; mas afinal:

— Pois, por aqui não há nenhuma Santa Tomásia, não.

— É que o senhor não se lembra. Havia lá uma fazenda, grande. Era a um bocado do cemitério. Até a capelinha pegou fogo.

— Ah! a capelinha pegou fogo? Pegou.

— Se sei! O senhor dizia que era Santa Tomásia... Água Nova sei eu que é! Fica perto da fazenda da Saudade, não fica?

— Fica logo adiante.

E até a capelinha pegou fogo?

— Pegou fogo.

— Não havia eu de saber onde é a Água Nova! Pois se foi até lá que mataram o filho da fazendeira...

Turíbio fez-se pálido, voltou o rosto, levou a mão à barba. Depois, muito tranquilo, muito devagar:

— Houve lá uma morte, na Água Nova? Agora, há pouco tempo?

— Pouco tempo! Só doze anos sei eu que há.

— Doze anos... — e ele contava pelos dedos.

— Doze anos... E mataram um homem?

— Mataram.

— Mataram... — e ele continuava, a meia voz. — Mataram... Quem sabe lá se o teriam morto agora! Quem sabe lá!

Depois, mais alto:

— E o que matou foi preso? — O homem dizia- lhe que sim. — Foi preso... Sabe o senhor o que é ser preso, hein? Sabe o que é? Preso sempre, sempre, sempre... Ah! — e rangia os dentes, de raiva.

— Sabe o que é?

O outro olhava-o, desconfiado, muito sério. Turíbio calara-se; fitou-o um pouco, baixou a cabeça. Acalmava-se. Depois:

— Mataram-no à toa?

O homem sorriu:

— À toa! Quer saber o senhor? Eu tenho lá uns parentes...

— Na Água Nova?

— Sim, na Água Nova. Agora mesmo vou eu para lá... — Turíbio ouviu, muito atento. — Tenho lá uns parentes. Pois eles sabem de tudo; não viram, mas lá toda a gente conta. Era uma cousa de fazer virar o sangue à gente. O que morreu enganava o outro, sabe?

Turíbio repetia:

— Enganava o outro...

— É, enganava-o com a mulher. Metia-se lá dia e noite. Todo o mundo via; o marido é que não via nada. Mas um dia... O senhor sabe; lá vem um dia em que a gente descobre tudo. O marido apanhou os dois, em casa...

Turíbio deitou-lhe a mão a um braço, rápido, com um relâmpago nos olhos:

— Com a filha ali perto, não é? Com a filha ali mesmo, deitada ali, vendo tudo, aprendendo tudo. Não houve um raio do céu que os matasse! Acredita em Deus, o senhor? Acredita, hein? Pode-se acreditar, pode-se ter fé, assim?

Tremia, de cólera. O homem puxou o braço:

— Como é que o senhor sabe que ele tinha uma filha?

Turíbio voltou a si. Disfarçava:

— Eu ia lá, às vezes... E depois, lá — e indicava o caminho, para trás — lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— É... — e o outro concordava. — Na Água Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquilo era para se esquecer assim! Que morte! Picou-o todo, a faca; todo! No peito, nos olhos, na boca...

— Na boca, no peito... Nos olhos... — e acentuava aquilo. — A boca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... — e puxava as maçãs do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto. — Olhavam assim, claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que ele tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito. — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz aquilo? Agora não há de fazer. Está morto, pagou tudo.

“Pagou tudo!” Turíbio cerrara os punhos, com força, com ódio. Cravava as unhas nas mãos. Via-se-lhe nos olhos uma terrível expressão de fereza. Esteve assim um bocado; voltava o rosto para um lado, para outro; não via bem, faltava-lhe o ar. Sentia um quer que era que lhe apertava a garganta. O homem recuara; parecia disposto a ir embora; estendeu-lhe a mão:

Bem... Então até, hein?

Turíbio serenava, pouco a pouco. Fez-lhe sinal para que esperasse. O olhar dele voltava à primitiva expressão de doçura. Respirou muito, quanto pôde. A camisa afogava-o; ele rompeu-a, de um gesto rápido. E levava a mão ao peito, hauria o ar balsâmico de em redor:

— Perdoe. A gente pode lá ouvir tudo, assim, a sangue-frio... E dizem que há um Deus no céu! — soluçava, mal podia falar — um Deus, dizem que há um Deus! — levou a mão à cabeça em fogo, fechava os olhos; e, ao cabo de um momento. — E... E a filha do outro? E frisava bem aquele do outro:

— A filha do outro? Era tão pequenina, tão loura!

— A filha? Coitada! Andou por aí... Não vê que a mulher pôs fogo à casa, sabe?

— Andou por aí, a filha?

— A mulher pôs fogo à casa. Dizia que no quarto onde o tinham morto, depois daquilo tudo, só o fogo é que ainda lá podia entrar. E então, levou a pequenina; deu-a numa casa, para o alto... Depois, foi embora. Tem andado por aí; está agora com um, está daqui a bocado com outro... É uma desgraça; mas há gente que é assim mesmo.

— A pequenina ficou, lá no alto?

— É... Mas davam-lhe muito, davam-lhe à toa... Coitada! A mãe tinha-se ido embora, o pai estava preso. Era uma desgraça! Pobre de quem não tem nem uma pessoa por si... A mãe dela, então, foi por aí; estava com um, com outro...

— Eles davam-lhe muito?

— Em quem?

— Na pequenina.

— Davam-lhe tanto!

— Davam-lhe! Mas a mãe dela, por que é que lhe deixava dar? Tão pequenina, tão loura!

— Pois a mãe já não estava mais lá, na casa. Pôs-lhe fogo e foi embora. E então, a pequena ficou. Antes não ficasse! Davam-lhe tanto...

— Davam-lhe muito... E agora?

— Agora — e o homem apontava para o céu, alto. — Agora, está lá, está nos ouvindo...

Turíbio agarrou-lhe na mão, puxou-o a si. Cravava-lhe no rosto o olhar fixo, acerado, lúcido:

— Está lá! — e mostrava o céu — Está lá?... Morreu?

— Morreu.

— Morreu!

Lágrimas lhe brotavam dos olhos, rápidas, ardentes. Escaldavam-lhe o rosto, punham-lhe como que pequeninos diamantes disseminados pela barba hirsuta. Quedara-se em silêncio. Por fim:

— Eles davam-lhe muito?

— Se lhe davam! Até nem parecia gente cristã...

Turíbio murmurava — “Davam-lhe!” E, com os olhos vagos, absorto:

— E ela morreu?

O homem afirmava que sim. E ele levantou os ombros, num soluço:

— Assim até foi melhor!

O outro fitava-o, comovido. E depois:

— O senhor gostava da pequenina?

— Pois se ela era... — e calou-se; desvairava-se-lhe o olhar, levou a mão à boca, olhava em roda. E aos poucos: — Vim por aqui muito... Muitas vezes! Nestes braços andou ela. Era assim — e fazia-lhe o tamanho com a mão. — Tinha uns cabelos que só vistos, de lindos! E davam-lhe! Se eu estivesse lá... Juro-lhe pela minha alma! Levasse-me um raio se mais algum dia se levantasse a mão que lhe estivesse batendo!

Baixou a cabeça; tinha os olhos cravados na terra, direitos, fixos. As lágrimas corriam-lhe grossas, rápidas, contínuas. Soluçava. O homem estendeu-lhe a mão:

— Desculpe, hein? Mas, eu vou indo...

— Eu vou também... O senhor disse que a Água Nova é para lá, não é? — e mostrava-lhe o caminho, longe. — Eu vou... A mãe dela, então, ficou lá na casa?

— A mãe da pequenina? Turíbio fazia-lhe que sim; o outro sorriu. — Foi embora... Pois ela deitou fogo à casa e foi embora.

— Deitou fogo à casa... Ardeu tudo?

— Tudo.

— E foi embora! Contanto que a não tenha tragado o inferno... Vê o senhor? Tanta miséria!... O céu cobre tudo, azul, azul... A casa era lá pra cima, não era? Uma, de tábuas, com um mamoeiro à porta, uma hortazinha ao fundo? Tinha-a feito ele mesmo... Ele, sim; ele! Muita terra cavou pra a fazer...

— O marido era da lavoura?

— O pai, o pai da pequenina? Era da lavoura... Duma outra lavoura; também se cava a terra, também se planta, mas não se colhe. Cavou muita terra, muita! Ah! assim a estivesse ele agora cavando para a que foi embora!

O homem achava que sim:

— É mesmo, antes trabalhasse para a filha. Quando se tem mulher assim...

Mas Turíbio interrompeu-o:

— Para a filha, não! — E com a voz em lágrimas: — Para a filha, coitada! nem foi ele que a cavou. Atiraram-na lá para o fundo, à toa. Para a filha, não; para a que foi embora! Deitou fogo à casa e foi embora... Antes para ela! Bem larga, bem funda! Lá, bem embaixo...

E dentro em pouco:

— A casa era lá pra cima?

— Inda lá está o terreno... É perto. Eu é que já vou indo...

— Também eu vou.

E foram ambos. Turíbio calara-se; por vezes, ouvia-se-lhe um soluço. O homem apertava o passo. Numa curva, por uma aberta de cerca, mostrou-lhe o caminho adiante, o terreno da casa, o mamoeiro à porta, longe, mal distinto. O sol caía agora do alto, por sobre a terra úmida da geadá; áureo e tardio, retardatário sol benéfico de junho...

Turíbio reconhecia a estrada, alegravam-se-lhe os olhos. Já nem sentia o cansaço de há pouco. E marchava calado, com pressa. Num ponto, o homem agarrou-o, fê-lo parar:

— Olhe, vê ali, agora...

Era o terreno próximo, o mamoeiro à entrada. Onde a casa estivera, por sobre a massa disforme do entulho, daninhas plantas se enredavam, subiam, avassalavam tudo. E dentro elas, apenas, a espaços, carbonizados caibros emergiam do mato crescido e ruim.

Pararam à porta. O homem voltou-se para Turíbio:

— Não era aqui?

— Era... — e ele fitava o terreno desolado e lúgubre. — Era aqui! — e enchiam-se-lhe os olhos d'água. — Contanto que a não tenha tragado o inferno! Olhe, tem a sua vida segura, o senhor? — o outro não respondia. — Tem-na segura? Deixe-a andar... Segura para quê? Um dia desaba tudo. Está ali, queimado, podre... E o céu cobre tudo, azul, azul...

Passeava os olhos em redor. Súbito:

— O cemitério é pra lá, não é?

— É lá adiante, no fim daquele caminho; lá por trás daquela mangueira grande...

— Lá adiante, por trás da mangueira? Olhe — e acenava-lhe com a mão. — Deus que o acompanhe!

E deixou-o. “Deus que o acompanhe!” Foi embora. O homem ficara, pasmo; abanou a cabeça, sorrindo:

— Qual!

E seguiu. Turíbio embrenhara-se pela estrada. Tinha as pernas trôpegas, como as de um ébrio.

Gelava-se-lhe a cabeça; esvaíam-se-lhe as forças. E aos olhos dele, o campo em roda, as árvores, os morros, tudo se ia de ténébras cobrindo.

Deu ainda uns passos, mas dobraram-se-lhe os joelhos, fez-se-lhe um vácuo em torno. Caiu para a frente, e ficou inerte, ao meio da estrada, ao sol.

Névoas caíam do alto, quando se lhe descerraram os olhos. Vinha a manhã nascendo, longe. O orvalho alagara-lhe a roupa. Tiritava de frio. Despiu o casaco úmido; sacudiu-o com força, vestiu-o de novo. Tumultuavam-lhe idéias no cérebro. Sentou-se; fitava a estrada adiante. E a pouco e pouco, foi-se-lhe aquietando a cabeça. Lembrava-se devagar: — “Pôs fogo à casa.” Lembrava-se. “O cemitério é pra lá...” Ergueu-se; sentia-se fraco, com fome; respirou, tirou o chapéu. E pôs-se a caminho. “O cemitério é pra lá...”

Avistou-o, adiante. Homens estavam à porta, casaco aos ombros, fumando; um dentre eles, tomava-lhes os nomes:

— Gaspar?

— Cá está.

— Domingos?

— Pronto.

Entravam, um a um, tirando os casacos, dobrando-os ao meio. Turíbio chegou-se, chapéu na mão:

— Com licença dos senhores... É que... Eu venho lá de cima... ‘Stou desempregado. Então, vinha por aqui... Talvez queiram alguém para a enxada.

Um alto, espadaúdo, coçou a barba, e depois:

— Isso é lá com o sr. Eduardo.

E deu com o queixo para o lado do que tomava os nomes. Turíbio foi para ele, vagaroso, hesitante, tímido:

Com sua licença, hein... É que eu 'stou desempregado. É... Perdoe o senhor... E vinha para saber se não precisam cá ninguém...

O sr. Eduardo tinha um cachimbo à boca; tirou-o, olhou do alto:

— Você já trabalhou nisto?

Tantos anos!... Ah! a mim não me ganhavam! — e procurava uma resposta. — Mas o senhor sabe; a gente guarda o seu dinheiro, depois é infeliz...

O sr. Eduardo franzira a testa. Esteve a pensar, olhava-lhe pra a cara. E depois, para dentro:

— Ó Maturina?!

“Maturina!” Turíbio sentiu que a alma lhe saltava num ímpeto. E de dentro uma mulher veio, chegou à porta:

Assim inda é pior... Agora é só ferver a água.

E Turíbio ergueu-se, apoiou a mão à enxada; olhava o sol morrendo, longe...

— É. Fica pra amanhã... Já o verão entra. O sol vem cedo.

Sacudia a terra presa à enxada; apanhou o casaco, perto, a uma borda de túmulo, atirou-o às costas, pôs a enxada ao ombro. E veio, e dizia:

Porque lá isso é... Não vai a matar. Mas sempre é bom andar pra diante, O que fica feito, fica feito. Não se faz mais...

Tinham-lhe dado um quarto de tábuas, janela para o quadro dos adultos, em frente. Pedira-o, instara por ele. Os outros dormiam à entrada, paredes meias com o administrador. Turíbio, porém, lembrara as coroas abandonadas, fora. “Assim até era melhor para a vigia.” E ficara lá. De onde estavam, já o quarto se avistava, ao fim da aléia. E ele repetia:

— O que fica feito, fica feito... É tempo que se poupa. Não se faz mais.

— É... Mas tu, matas-te. Um homem quer-se trabalhador, mas com saúde. Porque depois, dá-lhe em casa o raio da doença; e é pagar-lhe pr'ali, à toa, e é vê-lo a s'agoniar... Ele vai-se, e os outros é que ficam.

Turíbio concordava:

— Também lá isso, é... Vieram. Ele parou à porta:

— Vou aqui agora a ver...

— Pois então, é o que te digo; um homem quer-se com saúde.

E o sr. Eduardo seguiu. Turíbio demorou-se um pouco, à porta. Enrolava um cigarro; pusera a enxada a um canto. Por fim, entrou. A noite caía, tênue; e, no céu, ainda claro, a lua, em crescente, surdia, luminosa e doce.

Madrugada alta — inda a manhã não viera — já ele estava vestido, à janela do quarto. Fumava, pondo largas baforadas para fora, através da neblina e da noite. E súbito, por entre árvores, longe, ao luar, um vulto de mulher passou, hesitante e esquivo.

Ele ficou, suspenso, no ar, como se alguma cousa o viesse elevando do chão. Os olhos prendiam-se-lhe àquela figura, distante, negra. Perdeu-a num ponto, viu-a crescer do outro lado. E agora, brotava-lhe uma idéia no cérebro; expandia-se-lhe o rosto. “Vai ver a filha...” fez, muito baixo. Acendiam-se-lhe os olhos. Tomou da enxada, saiu.

O vulto ia, direito ao quadro dos anjos; passou por ele, numa curva larga. Turíbio seguia-o, agarrado às árvores, oculto por elas. Viu-o parar, seguir depois, dar uma volta, entrar pelo outro quadro em frente. Um túmulo deteve-o; caiu de joelhos. Rezava o quer que fosse, entrecortado de soluços; debruçava-se sobre o mármore, regando-o de lágrimas. E à cabeceira, de um quadro, circulado de perpétuas, banhado da lua, o busto de um homem emergia, amarelecido e sereno.

Turíbio parou; e, para logo, do íntimo, velhos rancores, esquecidos ódios vieram-lhe atropeladamente para fora, sufocando-o. Ela rezava pelo outro, chorava pelo outro! Ouviam-se-lhe soluços, angustiados, contínuos, como se neles a alma inteira, também angustiada, lhe fugisse. Turíbio cravara os dentes nos lábios, mordia-os a fazer sangue; apertava o cabo nodoso da enxada na mão convulsa. Tremia, tremia... Ia-se-lhe fazendo em torno uma atroz noite de loucura e de morte.

Virou a enxada, com a lâmina para dentro. Acertou-a bem, bem segura, bem certa; direita e forte. Curvou-se, chegou-se um pouco mais, com vagar, com cautela; tinha o braço p'ra trás, a enxada à mão. Esperou... Maturina levava o lenço aos olhos, a cabeça alta. Ele marcou-a, no meio, do lado. Tremia, tremia... Fez um esforço; crispavam-selhe os dedos. A enxada ergueu-se, brilhou, lúcida, no ar.

Vibrara-lha, rápido, na cabeça. Houve um som cavo, um estertor, um côncavo baque oco e surdo. A massa informe do corpo caiu, flácida; distendeu-se. Batia os pés, trêmulos, nervosos, esticados; empinava o ventre, na ânsia de se reerguer. E ele vibrou-lhe a enxada, de novo. Da brecha aberta, mal percebida, púrpuro, o sangue em ondas vinha, corria, manchava o solo; e — tal como se para o alto houvesse partido, num rápido jato rubro — altas, no céu, rubras, púrpuras manchas sanguíneas espalhavam-se pelo nascente.

Turíbio olhava, absorto agora... O corpo aquietara-se; agitava-se apenas a bruscos, trêmulos espaços, no estertor último. Teve um estremecimento mais forte, e ficou, parado, morto. O sangue corria por uma depressão do terreno; era um tênue fio, quase róseo, que se coagulava ao fio gélido da manhã.

Ele moveu-se, como quem desperta; atirou a enxada fora. Voltava a si. Recordava-se de um dia, há muito. Ferira fundo, muitas vezes, muitas vezes, com delírio, com raiva. Levaram-no. Anos decorreram; tudo se foi apagando aos poucos, ódios, memória, tempo, tudo. E recordava-se; olhava em roda, pelos alvos túmulos, pelos ávidos sepulcros abertos. Suava frio. Tirou o chapéu, atirou-o para longe. O olhar deteve-se-lhe na cova ainda mal cheia, da véspera, voltou ao corpo imóvel, fitou-o, volveu a ela. Esteve assim um instante de um lado para outro. Acalmava-se mais. E tomou da enxada, foi para a cova, enterrou-a lá, com força, tirou-a depois, bem cheia, sacudiu-a para o lado. Enterrou-a ainda, tirou-a, para a enterrar de novo. E a terra ficou, espalhada pelo solo, por sobre plantas, aos montões.

Cavava com esforço, rápido. Já de uma derradeira camada, última e leve, irrompia a tampa negra e lúgubre de um caixão. Ele deixou a enxada. Tomou de Maturina pelos pés, inteiriçados, ainda quentes; arrastou-a para perto; e os cabelos dela, de rastros, luzidios e longos, toucavam-se de folhas secas, empoavam-se de lúcidos grânulos de areia, vinham marcando a sua passagem pelo chão.

Deixou-a posta à beira desse que lhe seria o pouso último; agarrou-a então pela cabeça, pô-la ao comprido da abertura. E atirou-a para dentro, para baixo, para bem fundo. Por onde viera, o corpo deixara um rastro de sangue. Ele apagou-o, com a enxada; desfez os largos coágulos sanguíneos; levou-os, empastados, para a cova aberta. Procedia com arte, com vagar, com cuidado — tal como

quem numa obra definitiva e completa se absorve. Passava e repassava a enxada pelo terreno; deu-lhe a aparência de um pedaço de jardim, tratado e limpo.

Voltou para a cova, O corpo ficara meio dobrado, ao fundo; ele ajeitou-o, ao comprido. E começou a cobri-lo com a terra amontoada, às porções, grossas, rápidas, brutas. O corpo desapareceu em baixo. Por sobre ele ia a espessa camada de terra subindo, crescendo, pesada do eterno peso do olvido e do esquecimento eterno. Turíbio saltou para a cova, ainda mal cheia. Puxava a terra para si, quase a cobrir-lhe os pés. Por momentos parava, pisava-a com força, atirava-a com o pé para as extremidades. E continuava depois. Passou os dedos pela testa, para limpar o suor; estava calmo, respirava com força, muito, em roda — como um enterrado vivo a quem se houvesse arrancado a álgida laje cerrada e fria do túmulo. Respirava... Mas ouviu passos. O sr. Eduardo vinha, apressado, sem chapéu; gritou- lhe de longe:

— Que é da Maturina?

Turíbio alçou a cabeça, ficou olhando; hesitava, parecia querer ocultar alguma cousa. E, apoiado à enxada:

—A... Eu...

— Tu viste-a... — e o sr. Eduardo agarrou-o pelo ombro. — Fala ou ponho-te na rua!

Turíbio levava a mão à cabeça: — Homem...

— e alisava o cabelo, por trás da orelha —, há bocado, inda o dia lá vinha na casa de Cristo, vi-a passar por ali...

Apontava a aléia, perto. O sr. Eduardo sacudiu-o:

— E depois?

— Depois, foi lá para os lados da porta... Havia lá um senhor alto, um que já ontem andou por aí. Estiveram a conversar juntos, e foram-se. Foram embora. Ela levava uma trouxa.

O sr. Eduardo fê-lo voltar-se, com um repelão. Agarrou-o pela gola:

— Levava uma trouxa? E o xale, ia de xale?

— Levava um xale preto.

Fora-se, pregara-lha na bochecha! Turíbio calara-se... O sr. Eduardo repeliu-o, com força. Fê-lo cambalear. E expectorou:

— O raio da burra!

O JEROMO

Correu uma gargalhada de ponta a ponta do meio-círculo, rápida, rebentando de todas as bocas, como se fosse o estopim de uma girândola. O Jeromo, ainda de cócoras, firmou-se num braço, para se levantar do tombo; e, de novo, estatelou-se no chão. Nova gargalhada explodiu, de súbito, como o lépido levantar de asas de uma revoada de pombos...” Paga prenda! paga prenda!” gritavam. Tia Micaela, a um canto do sofá, com as duas mãos na cintura, pedia que não a fizessem rir tanto, por causa do fígado. E seu Rodrigues, um caixeiro da corte, que andava por fora, em cobranças, veio logo, chapéu na mão, todo sorrisos, para receber a prenda do carreiro.

“Paga prenda! paga prenda!” O Jeromo resistia à intimação. Não pagava. Caíra ao querer ajoelhar-se muito depressa, mas não rira, nem ao menos começara as palavras do jogo: “Meu senhor S. Roque, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar...” Não pagava. “Paga prenda!” insistiam... E a Margaridinha, a filha de tia Micada, de joelhos sobre uma cadeira, gritou-lhe também que pagasse. — “Pague, seu Jerônimo... É pra não ‘parar o jogo.” O Jeromo pagou, com úm botão de punho, O caixeiro da corte voltou para o seu lugar, todo sorrisos, “Minhas senhoras, vai continuar o jogo! O senhor 8. Roque é a senhora d. Margaridinha.”

Fora, o luar banhava todo o jardim plantado de esponjas, desenhando na rua a ramagem crescida da cerca de espinhos. A estrada, tortuosa, toda de areia, refulgia ao clarão da lua. Longe, no silêncio da noite, latiam cães... O Barradas, “amigo de seu barão”, suando em bicas, viera para o jardim e encostara-se à cancelinha da porta, a fumar, O jogo continuava, lá dentro, na sala, Ouvia-se a voz do caixeiro da corte. “Que se há de fazer ao dono ou dona desta prenda?” E viam-se sobre os aparadores os dois grandes lampiões de querosene, trazidos pelo Barradas da casa de seu barão, para aquela festa de anos da tia Micaela,

O Jeromo era carreiro lá do alto, da fazenda do dr. Chico Pena. Mais pra baixo ficavam as terras de seu barão — barão de Santa Maturina. Aí é que o Barradas punha e dispunha, como dono da casa, comendo à farta, bebendo ainda melhor. Português esperto, muito insinuante, começara auxiliando o administrador da fazenda. Um dia — ia para três anos — o administrador vira-se, de súbito, posto no meio da rua. O barão, colérico, cheio de raiva, não lhe consentia que se justificasse. O homem não fizera nada. O Barradas foi nomeado para o seu lugar.

“Bom administrador tenho eu!” — costumava dizer o barão, Carreiro é que não tinha, tão bom como o Jeromo. Certa vez, Jeromo ia entrar em casa, empurrava já a porteira, quando retiniu este grito — “Eh lá, ó Jirônimo!” Era o Barradas. O

outro não o ouviu. O português chicoteou mais a besta em que vinha, enterrou-lhe bem as esporas... Depois, repetiu o chamado: — “Eh lá, ó Jirônimo!” O Jeromo demorou-se a esperá-lo, com a mão ainda sobre a porteira. E, ao brusco choque das esporas, a besta trotou mais depressa, até junto da cancela. Ficou aí, sem parar, ao mesmo tempo avançando e recuando a apertar as pernas do Barradas de encontro às duas ripas pregadas em cruz.

— Manhosa como ela só! — achou, sorrindo, o Jeromo.

O Barradas apeou-se, tirou as rédeas de sobre o pescoço do animal, passou-lhas da cabeça para fora, por cima das orelhas, e foi prendê-las adiante, a uma das pontas da cerca. Demorou-se ainda um bocado, a enrolar um cigarro. Por fim, abordou a questão. O sr. barão mandava perguntar ao Jirônimo se não queria ir lá trabalhar pra fazenda. O Jeromo estava que não cabia em si da surpresa.

O Barradas contava com isso. Ah! estava admirado, não era? Tinha de quê. Era uma fortuna que lhe caía do céu. E gabava a fazenda. Que bonita que estava agora! Passava-se muito bem de barriga. Aquilo é que era viver a gente uma vida regalada; comiam-se quatro vezes ao dia! E depois, se o Jirônimo quisesse, dobrava-se-lhe o ordenado, ajuntava-se-lhe uma gratificaçõzinha para os cigarros, e até o sr. barão ainda lhe havia de dar a sua farpelazinha nova, para os domingos. O Jeromo refletia, via-se que estava a hesitar. Mas, de repente, fez que não, com a cabeça. Decididamente não aceitava. Era tolo, rejeitar assim uma fortuna que lhe caía do céu. Mas que lhe havia de fazer? Tinha amizade à casa, criara-se com os meninos...

O Barradas voltou para a fazenda, a apertar cada vez mais o passo da besta, para repetir ao sr. barão o que lhe dissera o bigorriha do Jirônimo. E logo ao chegar, em meio do almoço, tendo muito cuidado em que não esfriasse o bife do sr. barão, a mandar pelos criados que fechassem bem as janelas da varanda para que o sr. barão se não fosse constipar, o Barradas contou-lhe o que ouvira do carreiro. “É uma criança...” — deixou escapar o barão. E o Barradas logo, com toda a sua verbiagem de português muito esperto: — “É um estúpido, é o que é... Vossa Excelência não o conhece.

É um estúpido e um bigorriha... Um bigorriha é que ele é, saiba-o Vossa Excelência!...

Esmorecia a luz. Manchas de fumaça iam subindo aos poucos pelo interior dos globos, nos dois grandes lampiões de querosene. Tia Micaela queixava-se do fígado, fizera-lhe mal o jantar. O Barradas voltava nesse momento para a sala, mãos nos bolsos, fumando. Vinha de fora, janelas a dentro, cortante e ríspido, o áspero frio da madrugada. Nuvens róseas apareciam pelo céu. “Bons dias, siá dona!” — gritaram da estrada para a Margaridinha que se fora debruçar à janela. O caixeiro da corte ainda quis ver se reanimava a festa. “Minhas

senhoras, meus senhores! Vamos agora jogar o *Cocke* da família. Eu sou o cocheiro; d. Margaridinha é quem mais brilha, é a lanterna. O sr. Barradas é o chicote...” Voltava-se, todo sorrisos, para cada um. Mas a Margaridinha achou que já era tarde. — “Qual, seu Rodrigues! Já é dia... Mamãe está com sono.” Clareava mais. “Agora é cada um p’ra sua casa!” interrompeu asperamente o Barradas.

Despediram-se, trocando abraços, apertando-se muito sacudidamente as mãos. Tia Micaela distribuía beijos, a torto e a direito, fazendo convites — “Não se esqueçam, hein? Agora é pelo Natal!” O Jeromo chegou a correr, do jardim. Ocultou umas flores no casaco; depois estendeu a mão à Margaridinha, olhando-a bem em face. “Não me esqueça!”

— disse. A moça apertou-lhe os dedos, quase a esmagá-los... E ficou em silêncio. Tinha os olhos cheios d’água. “Venha amanhã!” — segredou a muito custo, O Jeromo disse que sim, com a cabeça. E saiu. Mas, da rua, voltou ainda, como se lhe faltasse alguma cousa; parou indeciso. “Até amanhã, tia Micaela!” — fez depois. Apertou outra vez a mão da Margaridinha. Custava-lhe delxá-la assim. Desejaria ficar para sempre junto dela ouvindo-lhe aquela música da sua voz.

Partiu; afinal. Levava um grande vácuo no peito. Os olhos umedeciam-se-lhe; tinha uma enorme vontade de chorar... Pássaros cantavam. Do mato em roda, subia um embalsamado, um fresco cheiro de ervas. Gotas de orvalho caíam dos espinheiros; e, pela relva adiante, borboletas iam e vinham, doidas, agitando asas trêmulas, amarelas por sobre as flores amarelas.

Entrou em casa. Atirou-se à cama, para ver se esquecia aquela idéia da Margaridinha. Talvez dormisse... Não dormiu. Aquilo era como se lhe houvessem arrancado do peito, na festa, alguma cousa que lhe fazia muita falta. Voltava-se para a parede, fechava os olhos, apertava-os bem, para não ver cousa nenhuma... E para logo se lhe deparava outra vez a sala do jogo de prendas. Era ainda o caixeiro da corte quem as ia a pouco e pouco recolhendo no chapéu; o jogo é que já não era o mesmo; não era o Senhor S. Roque, era uma cousa parecida. E o Jeromo via-se de joelhos aos pés da Margaridinha — “Minha santa Margaridinha, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar, sem me rir. Eu aqui estou a VOSSOS pés...”

O Jeromo voltou no dia seguinte à casa de tia Micaela. Voltou depois ainda, e no terceiro dia, e mais tarde. A Margaridinha vinha buscá-lo à cancela, toda de branco. E subiam, mãos dadas, almas felizes, acompanhados desde a porta pelo vigilante, bondosíssimo olhar da velha.

Mas, num dia, tia Micaela veio, ela própria recebê-lo à entrada. O Jeromo parou, surpreso, indagando com os olhos. E tia Micaela explicou o que havia. —

“O Leopoldo, aquele magrinho, que estivera lá no dia dos seus anos... Ah! não conhecia? Pois, coitado! Fora-se... Bexigas...” Bexigas! — “É verdade; bexigas!” Era o sexto, numa semana. O Jeromo estremeceu de terror; dominou-se, porém. “Mas, e a Margaridinha?” Tia Micaela tranquilizou-o. Estava no sítio do Leopoldo. Fora pela manhã, para ajudar a gente de casa. Era preciso haver lá quem tivesse um bocado de sangue-frio. Os outros, coitados! tinham perdido a cabeça.

O Jeromo despediu-se, voltaria depois. — “Sábado, ela já há de estar aí. Tenha paciência!” Teria paciência. E foi embora. Luzes brilhavam longe.

Anoitecia, O Jeromo levava como um pressentimento no coração.

Não voltou mais. A Margaridinha chegou logo na sexta-feira, à tarde. Esperou-o até alta noite. Nada. Esperou-o no sábado, dia inteiro, noite inteira. Nada. Apenas, naquela noite lúgubre, tia Micaela veio da rua a chorar. Talvez chegasse no domingo. Esperou-o. Rompeu o sol; veio a tarde, frígida tarde de inverno. E nada. A Margaridinha esperava à porta, apoiada à cancela.

Nuvens pardacentas iam-se amontoando pelo céu. Peneirava um chuvisco. E súbito, do alto, dentre barrancos, aos solavancos pelo tortuoso caminho — violentamente puxada por duas bestas e forcejando por ganhar a estrada, branca de areia — surgiu uma antiga, uma arruinada caleça, sem toldo. De um a outro lado, sobre os assentos, estremecia, oscilava um caixão. Oleados resguardavam-no do tempo. E logo atrás, vinham, a galope, dois cavaleiros.

O céu fez-se mais negro. Chovia agora. A Margaridinha sentiu que alguma coisa se lhe enroscava no coração. Era como uma cobra má que o tivesse agarrado de súbito.

Estalava o chicote no ar. O carro galgou a estrada, de um pulo. As rodas chiavam na areia, rápidas, ao rápido trote das bestas. Homens descobriam-se ao vê-lo. E tia Micaela, que vinha a entrar da rua, ajoelhou-se religiosamente.

— Coitado do Jeromo! — disseram, na casa vizinha.

A Margaridinha apoiou-se mais à cancela:

— Ah! meu Deus! — soluçou, dolorosa, angustiadamente.

Só. Faltava-lhe o chão. A garganta subiam-lhe, num bolo, toda aquela mágoa, toda aquela agonia, toda aquela dor. O carro passou. Do caixão mal fechado, evolava-se, ficava um mau cheiro espalhado pelo ar.

— Siá dona, reze por ele! — gritaram.

Chovia mais forte. Lágrimas rebentavam em fio, das árvores sobre a areia. A Margaridinha ficou, apoiada à cancela, com um trêmulo, nervoso ricto nos lábios, sem se rir, sem chorar, sem chorar, sem se rir...

CURIOSA...

Isso de ter recebido a carta do Braga aquela que lhe estava agora no seio, muito junta à carne, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope — isso fazia-a estar para ali muito abstrata, sem dar atenção ao almoço, a procurar a razão por que assim procedera, quase sem ver o Bernardo, o marido, que ruminava muito pachorrentamente o seu bife.

Porque aquilo que ela praticara assim tão irrefletidamente, apenas por um bocadinho de curiosidade, poderia fazê-lo supor que ela ainda fosse a mesma que dantes. Cruzes! Pensar naquilo sempre lhe dava uns calafrios! Em outro tempo, em solteira, não lhe teria dito nada... Mas agora! Agora era viver para os filhos, quando viessem.

Distraía-se, olhos fitos no prato, a perscrutar, a indagar de si mesma por que a recebera, àquela maldita carta. “Fora por força, curiosidade...

pensava. Nem podia ter sido outra cousa... Se era tão curiosa!

E a Cocota, muito alegre, muito satisfeita no íntimo por ter achado assim uma desculpa àquela leviandade, voltou-se para o marido. A Brígida, a criada, servia-o nesse momento. E justamente, aí estava, fora ela a culpada de tudo aquilo. Pela manhã, muito cedo, dando-se uns ares de confidente, viera trazer-lhe a carta do Braga. E aquele seu modo misterioso, aquele meio riso confidencial, aquelas duas palavras, sobretudo, tinham-lhe chamado a atenção. “Do Braga!” murmurara-lhe a Brígida, quase ao ouvido, entregando-lhe a carta.

A Cocota, inconscientemente, estendera-lhe a mão para recebê-la, perturbando-se toda, muito assustada, como se ele já ali estivesse a reclamar todo um mundo de promessas feitas há muito tempo. Porque com aquela carta do Braga surgia de bem fundo todo um passado de recordações. E vinham-lhe à memória as esquecidas noites de luar em que os dois, num abandono idiota de namorados românticos, se tinham enternecidamente entregue à contemplação “daquela lua que os ouvia” e que lhes fora o penhor de todos os juramentos.

Ela — a Cocota do Tavares, como a chamavam naquele tempo — tivera sempre uma certa predileção por essas cousas de poesia e de ideal. E repetidas vezes, quando a lua, muito alta, banhava a rua de uma pálida claridade, divertira-se com o fantasiar na massa escura das árvores, em cada perfil escuro recortado pela claridade do luar, namorados errantes, que se ficavam ali, eternamente a contempla-la como a uma beldade estranha, arrancados de muito longe aos amorosos beijos das noivas, unicamente para vê-la, unicamente para admirá-la.

Foi por esse tempo que o Braga apareceu. Tipo anêmico, longas melenas pretas, um pálido ar doentio, o poético ajudante de guarda-livros agradeceu-lhe para logo. E a Cocota que sonhara entrevistas à noite, docemente enlaçados os dois, a passearem sob a ramaria frondosa das árvores, teve-as ali mesmo, num telheiro para onde o pai, como taverneiro muito prático, atirava os barris vazios de banha e os jacás inda rescendendo um forte odor de toucinho.

Esse cheiro de toucinho, infiltrando-se-lhes pelo nariz, justamente quando lhes seria preferível qualquer outro mais suavemente doce, mais deliciosamente romântico, esse não lhes conseguiu lembrar o prosaísmo da vida... Triste cegueira, a dos namorados! Encarregou-se disso o Tavares, surpreendendo-os uma noite, e tosando-o a valer. “Ainda tenho bem vivas as recordações daquela noite...” — escrevera o Braga à Cocota, oito dias depois. Pudera! E continuava”... mas acredita que se te não puder encontrar nunca mais, breve, muito breve, o meu corpo há de rolar inanimado junto às penedias abruptas do Pão de Açúcar”.

O Pão de Açúcar fora metido ali unicamente para dar a cor local, O incoerente período, esse copiara-o o Braga a um livro que lhe compunha toda a biblioteca. Compreende-se que tamanho apuro de redação não estava muito a caráter em um simples ajudante de guarda-livros.

Valeu-lhe a sinceridade do momento. Do momento, porque nem breve, nem depois, nem nunca mais, o Braga teve a lembrança do suicídio. Agora voltava, como parecia. “E não é que voltou mais bonito!” — garantira a Brígida à Cocota. Mais forte, mais corado... Qual! A ama que o visse, como ela própria o tinha visto com aqueles que a terra havia de comer.

E gabara-o à Cocota, metendo-lho à cara, muito desejosa no íntimo de que aquilo fosse adiante, muito satisfeita por entrar assim nos segredos da ama, interessando-se pela resposta. Mas a Cocota parecera indiferente. “Não lhe diga nada por ora” — pediu. “Agora as cousas mudaram, e muito. Eu também não sou nenhuma idiota.” E recebera a carta... Com certeza que por curiosidade; se era tão curiosa!

O Bernardo descendo para o almoço, em colete e chinelos, obrigara-a a escondê-la por dentro do corpinho. E à mesa, quase inconsciente, aquilo tudo a trabalhar-lhe no cérebro, sentira-a sempre, ao curvar-se. A maldita carta lá estava, no seio, muito junta à carne, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope.

O marido, esse é que não tinha cuidados a trabalharem-lhe na bola. Mas, de repente, levantando a cabeça, muito distraído, voltou-se para a Cocota:

— Sabes, ó...

E calou-se, como se lhe tivesse esquecido o nome. E entretanto a Cocota ouvira-o, notara-lhe a indecisão. Até aí absorta, agora que achava uma desculpa à sua leviandade naquela curiosidade tão natural, voltara-se para o marido. E chegara ainda a tempo de notar-lhe aquilo. “Pois em três meses pode esquecer-me o nome!” — admirara-se ela. E confrontando esse incidente com a constância do outro que ainda a procurava, que ainda lhe escrevia, o resultado do confronto não foi lá muito favorável ao Bernardo.

Também — e continuava o raciocínio — também quem o mandara casar-se com ela? Devia ter compreendido que ela não poderia esquecer assim o outro. E daí, talvez tivesse compreendido mesmo. “Pois que se queixe de si!” — concluía. Mas do íntimo vinham-lhe uns restos de honestidade. Lá porque o marido era um estafermo — porque ele o era, e bem grande — lá por isso não se seguia que ela fosse dar ouvidos ao primeiro que aparecesse. Apesar de que o Braga não estava nessas condições. Fora seu noivo, ela amara-o muito...

Disso estava ela bem certa. Se o amara! Ainda hoje, por sentir lá dentro no seio, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope, aquela carta que era dele, que lhe vinha lembrar tudo isso que já devera ter morrido para si; ainda hoje só ela e Deus sabiam o que lhe estava agora palpitando no coração.

O Bernardo tomava pachorrentamente o seu café. Tirassem-lhe tudo — costumava ele dizer — tirassem-lhe tudo, mas que não lhe tirassem o seu cafezinho! E apreciava-o, bebendo-o aos goles, dando estalidos com a língua, ao mesmo tempo que a Brígida tirava os pratos servidos da mesa.

A boa da Brígida! Muito atarefada, muito diligente, parecia querer mostrar que, apesar dos anos, ainda podia merecer a confiança da sua rica amazinha. E tinha para a Cocota sorrisos de inteligência, e mostrava-lhe com os olhos o estafermo do Bernardo, ocupado em remexer o café no fundo da xícara, para aproveitar todo o açúcar.

Por trás, ao alto da parede, houve um pequeno ruído metálico de cilindro que desanda, e o relógio começou a bater nove horas.

— Ora aqui está, é isto! — fez o Bernardo, levantando-se.

Já lá se iam as nove; nem lhe restava mais um minuto, para estar a sua vontade. Malditas manhãs, aquelas, que passavam tão depressa! E resmungava, enfiando o paletó que tinha estado ali perto, dependurado do encosto de uma cadeira.

A Cocota levantava-se também. Não se esquecesse de trazer o chá — recomendava-lhe. Trouxesse-o lá da cidade, já que o dali era uma peste.

E curvava-se para a mesa, muito cuidadosa, a reunir toda a louça ao redor do bule de metal prateado...

Mas de repente:

— Ah! — gritou, surpresa.

E como o Bernardo a olhasse tolamente, sem compreender, numa das mãos a botina que se preparava para calçar — “Que desastrada que eu sou” — desculpou-se. “Que cabeça a minha!” Não se lembrara de que o bule devia estar quente, e daí... Ele que visse; felizmente nem o sinal! Mas na realidade o que a fizera gritar assim, de súbito, fora aquela carta que lhe estava no seio, muito junta à carne, ferindo-a torturando-a com a ponta aguda do envelope.

— Até logo, hein! — gritou-lhe o marido.

E saiu, batendo a porta para que fechasse bem.

A Brígida adiantou-se então. A ama que lhe desse uma resposta para ele — pedia. Coitadito! Até parecia capaz de morrer, se a não visse. Olhasse que ela, a respeito de segredos... Aquilo era um poço!

E não era porque tivesse algum interesse em vê-los a aproveitar a sua mocidade; é que lhe doía lá dentro saber de uma criaturinha de Deus que até se parecia mirrar de paixão.

E a Cocota interessava-se pelo Braga... Se era tão curiosa! Era então verdade? A Brígida que fosse franca. Não que ela desejasse muito vê-lo, que até a carta ainda lá estava fechadinha como a recebera; mas que lhe dissesse tudo. Ele perguntara muito por ela, não? Parecia muito desejoso de a encontrar, não era verdade?

E a Brígida assegurara que era. Coitadito! Estava de meter piedade à gente. E tomava umas certas liberdades de cúmplice. Punha-lhe a mão no ombro. Andasse lá, a felizarda! Porque nem todas tinham a felicidade de encontrar assim uma Brígida tão resolvida a fazer o sacrifício da sua tranquilidade para comodidade de ambos.

Calculava já o que o negócio lhe poderia render. A ama que a ouvisse e que não tivesse cuidados pedia. Com franqueza ela nunca pudera gostar do patrão.

Achava-o assim meio idiota, meio impertinente; muito metido consigo... Palavra de Brígida, o casamento fora uma desgraça para a ama! ora se fora!

Teve de dar tréguas àquela tagarelice. A ama pedia-lhe que fosse passar a vassoura na sala. Na véspera, ordenara-lhe cousa igual. E juntava — “Você sabe... Pode vir alguém de fora...” Ela então iria ler a carta, e depois...

E a Brígida saiu, e lá foi a cantarolar para a sala. A Cocota entrou no quarto. Aí, sentada à beira da cama, tirou do seio a carta do Braga, carta muito perfumada, rescendendo muito fortemente a violetas.

Era uma longa história de mágoas, a narração de uma vida de prantos, vivida muito longe, lá no ignorado retiro dos que sofrem. E aí, mais que todas, sorria-lhe aquela imagem querida, tantas vezes entrevista em seus sonhos, tantas vezes quimericamente apertada em seus braços.

Desfiava por aí além todo um enorme rosário de padecimentos. Vinham depois as alusões. Que nunca pudera esquecer aquelas entrevistas de outrora. Como eles tinham sido felizes ali, naquele delicioso telheiro que se lhes assemelhara ao Paraíso. E achava-o delicioso! Delicioso, O abandonado telheiro do Tavares, para onde ele atirava os barris vazios de banha e os jacás inda rescendendo um forte odor de toucinho!

Relembrava também a história da sova. Chamava-lhe “os tormentos que por ela tinha padecido; isso que fora o começo do seu glorioso martírio”. Mas a Cocotinha que tivesse fé em Nossa Senhora, e que esperasse, porque a felicidade, quem a dá é Nosso Senhor Jesus Cristo...

Sabe, sabe, minha ama! — gritou de repente a Brígida, entrando arrebatadamente pelo quarto. — Estão aí as Travassos; as Travassos, nem mais nem menos...

A Cocota só teve tempo de abrir uma gaveta, guardar lá a carta, e sair, porque as outras, as três, já entravam muito sem cerimônia, ameaçando ir até à cozinha se não a encontrassem.

— Gentes! Como estás pálida, menina! — fez a mais moça, beijando-a fortemente, apertando-a muito nos braços, querendo mostrar saúde.

A outra, a Julinha, abraçou-a por sua vez, e depois a mais velha, a Travassos, viúva que era de um chefe de seção aposentado, ainda célebre pela surdez nunca excedida.

Foram para a sala. Aí, a mais moça, a Gertrudes, explicou que tinham vindo da rua do Ouvidor. Como a Cocota talvez já soubesse, andavam a fazer compras para o grande prêmio do Derby. Porque elas não perdiam corrida. Aquilo até já era a predileção do *high-life*. Ela própria que lhe falara, então, já estava uma... uma...

E voltando-se para a Julinha:

— Como é mesmo que se diz, Juju? Tu sabes... Quando uma moça gosta muito de corridas?

— Ah! sim... *Sportwoman*.

— Exatamente. Pois ela própria já estava uma *sportwoman* de truz.

E continuava. Na volta, ao tomar o bonde, a Juju, que era muito míope, enganara-se de tabuleta. De modo que aí estavam elas, longe de casa, e com os pés num estado, num estado... Ah! a Cocota que imaginasse!

Mas a Cocota garantia que podiam vir sempre, seriam sempre muito bem recebidas. A d. Clotilde é que talvez não gostasse muito de ir lá... Casa de pobre...

E a Travassos, a viúva, muito depressa:

— Cruzes, menina! Pois eu posso lá desgostar-me daqui! Não, que comigo vale mais o ser recebida de cara alegre do que andar a gente a refestelar-se em divã, e a dona da casa a mandar pelos criados que ponham sal ao braseiro!

— Aí está — interrompeu a Gertrudes — a tua cara alegre é que é a *great attraction* daqui.

E a Cocota agradecia, sem ter compreendido a *great attraction*.

Quanto a ela ainda lhe restava um bocadinho da educação que sua mãe lhe dera, graças a Deus. Quando quisessem era só bater à porta. A casa era aquilo que ali estava — pobrezinha, é verdade; mas o pouco que possuíam era de todos, e não se pediam agradecimentos. Viessem; voltassem mais a miúdo...

A Julinha permanecia calada, a olhar para os quadros, apertando muito os olhos. Só de vez em quando falava ao ouvido da velha, impaciente. “Espera, filha — dizia-lhe a Travassos, e recostava-se mais e mais no sofá. Porque ela — garantia à Cocota, — não era muito de visitas. Desde que o seu defunto se fora

que não tivera mais vontade de sair da casa. Era aquilo que se estava vendo. Sempre de preto, qualquer coisa a fatigava daquele modo...

— Ah! É verdade, Juju! — lembrou a Cocota.

— Disseram-me que te casar?

A Travassos, a viúva, sem deixar a palavra, explicou logo que sim. Já era coisa decidida. Um partidão, filha! E que rapaz simpático! Ela não era de muitas simpatias; pois aquilo fora olhar-lhe para a cara, e ficar logo caidinha pelo genro. Imaginasse a Cocota, quando se dera aquilo com ela, o que se não teria dado com a Juju. Verdade fosse que falavam muito dele no sítio. Mas inveja, pura inveja; unicamente porque o rapaz tinha dinheiro!

— Ah! tem dinheiro!

E a Cocota compreendia perfeitamente o entusiasmo da velha. Tinha dinheiro! Mas aí estava a razão de toda a brusca simpatia da Travassos por ele. A Cocota conhecia-a muito bem. Aquela era ambiciosa como nenhuma. Ninguém melhor do que (ia farejava um casamento rico. E ouvindo-a discorrer tão entusiasticamente sobre esse noivo da Juju, vinha-lhe à idéia o entusiasmo do Tavares, falando-lhe do Bernardo, inculcando-o para seu marido, a afirmar que ele era “um partidão” como a Travassos não se cansava de repetir; e revoltava-se no íntimo contra esse modo de dispor tão livremente dos filhos como de um objeto que pode trazer algum lucro.

Não é exato, não tenho razão? — perguntava-lhe a Travassos pela terceira vez, sem que ela a ouvisse.

E a Cocota, arrancada àquelas reflexões, que até lhe davam vontade de enganar o marido para se vingar de tudo quanto tinham feito perder com o seu casamento, voltou-se para a Travassos.

— É sim — garantiu, um quase nada irônica.

— Já se tem até provado que esses é que são os casamentos melhores. A Juju que não deixe fugir o noivo...

— Qual fugir, filha. Agora então!

E a Travassos continuava, O rapaz já estava pelo beijo. Ah! mas também que trabalho para lhe não desagradar! Ela então — levasse-o Deus em conta! — não tinha descanso nenhum. E senão a Cocota que ouvisse. — Enquanto os dois estavam na sala, enquanto a Gertrudes ficava ao piano, ia ela tratar do chá. Ora,

aquilo na sua idade... Verdade fosse — concluía — que ela só lhe desejava mostrar que não era para ali nenhuma sogra dos jornais.

— Sim! — fez então a Gertrudes. — Isso pode ser muita cousa... Mas então eu? Eu que hei de estar todas as noites ao piano, para lhes amenizar o *tête-à-tête*?

Entretanto, como a Juju falasse desta vez muito decidida ao ouvido da velha, levantando-se, pronta para ir embora, a Travassos acedeu.

— Sim, vamos... E voltando-se para a Coco— ta: —. Vês, filha? Ainda uma pessoa não teve tempo de descansar um bocado, e já lhe estão a gritar que ande, que vá para casa... Um fadário, um verdadeiro fadário!

— Qual — atenuava a Cocota. — O que é necessário é ter paciência, fazer cara alegre.

E depois, tu compreendes... — interrompeu a Gertrudes, — *Noblesse oblige*...

Mas a Cocota não compreendia. Detestava mesmo na Gertrudes aquele sestro de estar a repetir tudo quanto lhe caía ao alcance da mão, unicamente para ficar acima de outras. E, como a Travassos fosse para beijá-la, voltou o rosto para o outro lado, muito enjoada pelo mau hálito da velha.

Houve ainda uma troca de beijos, abraçaram-se; a Gertrudes foi a um dos canteiros do jardim buscar uma rosa que prendeu triunfantemente ao peito, e saíram, rindo, gargalhando umas tantas recomendações que mutuamente se faziam, e agitando ainda de fora os lenços, quase a desaparecerem ocultas pelo muro enegrecido do tempo.

A Cocota ficara de pé, no limiar da porta. Agora que se via só não precisava disfarçar o mau efeito que lhe tinha produzido todo o falatório da Travassos a propósito daquele noivo da Juju. Tinha dinheiro! Mas então era também como o outro, como o Bernardo?

E porque aquilo a tivesse aborrecido, porque aquilo a tivesse incomodado dando-lhe o secreto desejo de se vingar de todos, entrou para a sala. Justamente, vinha-lhe à memória a carta do Braga, aquela que lhe parecia sentir ainda no seio, muito junta a carne, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope. Ali, na meia escuridão produzida pelas janelas cerradas, poderia reflexionar mais à vontade.

E, entretanto, alguma cousa como um perfume forte e penetrante posto ali perto fazia-lhe mal. Era um lenço da Gertrudes, esquecido junto de uma cadeira, muito fortemente impregnado de heliotrópio. A Gertrudes adorava esse cheiro;

ela é que nunca o pudera tolerar; dava-lhe dores de cabeça, fazia-a pensar em cousas tão extravagantes!

E quase tonta, sentindo oscilar-lhe a cabeça, levantou-se para pô-lo fora. Mas a Brígida, a criada, entrava nesse momento. Vagarosa, olhando misteriosamente em redor, depois de fechar bem as janelas, tornando ainda mais asfixiante a temperatura da sala, contou-lhe que o Braga viera pouco antes; como as Travassos estivessem na sala, ela tinha-o feito demorar-se lá dentro; agora vinha preveni-la, vinha saber se a ama sempre o queria receber. Porque ele lá estava, doido, ansioso, sôfrego por vê-la.

— O Braga ali, tão perto!

Isto há tanto tempo murmurado no íntimo, isto no íntimo há tanto tempo desejado, punha-a trêmula, feliz por sabê-lo perto, sequiosa de o ter ao seu lado, respirando o mesmo ar que ela, ébrio da- aquela mesma embriaguez. E sem ouvir mais a Brígida, sem entender o que ela lhe perguntava, deixou pender maquinalmente a cabeça, parecendo aceder.

O calor abafava, na escuridão quase inteira da sala. Aquele maldito perfume do heliotrópio fazia- lhe arder a cabeça. Felizmente a Brígida fora-se; do contrário nem ela própria sabia o que lhe teria acontecido.

E deixava-se estar presa daquela doce embriaguez dos sentidos, e ia quase a adormecer, feliz arfando-lhe o coração, quimicamente transportada àquele tempo das entrevistas ao luar, quando sentiu que a tomavam nos braços, apertando-a muito, esmagando-a quase, beijando-a por todo o rosto, mesmo tempo que ela se deixava arrebatada, muito curiosa de saber para onde a levavam assim, trêmula, ofegante, tão deliciosamente embriagada.

E enquanto o Braga desaparecia levando-a pela porta encortinada do seu quarto de núpcias, do outro lado o olhar vesgo, o olhar hipócrita da Brígida aparecia colado à vidraça, flamejante, curiosamente terrível, procurando devassar até o mais íntimo segredo da alcova...

CASA DE ADULTÉRIO

Trinta anos há que isto foi... E daí, há talvez trinta e cinco ou quarenta. A casa era na rua do Núncio, mais para a dos Ciganos do que para a do Visconde do Rio Branco. Por aquele tempo ainda esta não era do Visconde do Rio Branco. Era mais fidalga e mais simples; — do Conde, sem mais nada. A nova denominação veio depois, com o Ventre Livre, com as festas de 71. Já por aí se vê que foi há mais de trinta anos. Mas não importa; a casa era na rua do Núncio.

Agora, de onde seria quem a habitava? De 5. Paulo, diziam; mas também se dizia que era do Rio Grande. Outros asseguravam que era de Santa Catarina, até pelos modos, quanto mais pelos olhos pretos e pelo moreno do rosto. Seria ou não. Havia divergências em toda a rua do Núncio, na própria rua do Conde. Uma noite, no vizinho do lado, paredes meias, brigou-se por causa de d. Senhorinha Duarte. Foi na casa das Machado, velhas ambas, solteiras as duas. Mana Melinha teimava que a moça era de Porto Alegre.

— Qual Porto Alegre! Aquilo é paulista; é cara da Aparecida...

Mana Júlia conhecia o Paulo. Teimaram; acabaram por não se falar mais. A história não cogita de cousas mínimas; se cogitasse, haveria de mencionar que, para as Machado, nunca mais lhes chegou o momento da reconciliação.

De onde era d. Senhorinha Duarte? Da travessa das Partilhas. Nasceu lá, por uma tempestuosa noite de março. Restos de verão; últimas trovoadas secas... O pai assustou-se muito, não naquele dia; o susto veio-lhe duas semanas antes. Culpa da folhinha de Ayer. Lá estava o aviso, muito miudinho, nestas quatro palavras, ainda mais ameaçadoras do que miúdas:

Fortes
trovoadas
ao
Sul

A semana passou sem trovoadas, só com o susto. Veio outra; Ayer já não cogitava de relâmpagos, nem de trovões. Que muito é que também o pai de d. Senhorinha não cogitasse deles? E passavam os dias. Mas, numa bela noite, lá aparecem os relâmpagos. A trovoadinha vinha, estrondeante, atordoadora. D. Senhorinha veio com ela, muito pequenina, envolta nuns tênues panos bordados.

O pai de d. Senhorinha ainda o não fora de ninguém mais. Tomou-a nos braços, beijou-a na boca, nos olhos, na testa... Beijou-a muito, ao acaso. Tinha os olhos úmidos, não dizia nada. Olhava para a filha, beijava-a, tornava a mirá-la outra vez.

— Está bom, agora deixe ela dormir... Olhe, faça favor de mandar-me dar a alfazema.

— Ah! sim... A alfazema.

E repetia “A alfazema, a alfazema”. Só. “A alfazema, a alfazema”. Deu uns passos, deixou-se cair no sofá. O dia ia clareando. A comadre esperava pela alfazema. Esperava; não vinha cousa nenhuma. E foi buscá-la ela mesma. O pai de d. Senhorinho ficou sozinho, a dormir.

Eis aí como, por uma tempestuosa noite de março, veio ao mundo a bela rio-grandense da travessa das Partilhas. Cresceu, esteve no colégio, teve namorados e casou. Há aí um episódio de viagem, não em solteira, mas depois de casada. Viagem a Pelotas... Porque, no fundo, uma das Machado não deixava de ter a sua pontinha de razão. D. Senhorinha esteve em Pelotas. O marido era conferente da mesa de rendas; ou por outra, foi conferente mais tarde, depois das núpcias, talvez dois anos depois. Antes era escriturário, 29 ou 39. E d. Senhorinha veio de Pelotas para a rua do Núncio.

Chegaram cedo; as Machado já estavam à janela, cumprimentaram sorrindo, muito amáveis; e ficaram a ver entrar a mobília. Tão disparatada, tão velha! Já lhes parecia que devia ter sido comprada em leilão.

Talvez, d. Senhorinha teve saudade de Pelotas; mas, se as teve, deveu-as ao marido. A princípio, Duarte era um marido modelo; ia de casa para a alfândega — estava adido à alfândega — e saía da alfândega para casa. Mas numa certa, frígida tarde não veio; veio à noite, às sete horas. Tinha ficado com o ministro; negócios urgentes, relatório, o diabo! Era uma quarta-feira; no sábado foi pior. Ficou toda a noite na rua, O ministro era incansável, parecia de ferro. Que se lhe havia de fazer? D. Senhorinha chorou, mas não disse nada. Duarte viera às seis horas da manhã, com o dia claro. E o relatório continuou.

O relatório morava na rua do Hospício. Tinha cabelos castanhos, meio louros; pescoço comprido, emergindo de rendas largas e caras. Duarte viu-o uma vez, de volta da repartição. Sorriu; o relatório sorria também. Coitado! Sorrira já tantas vezes, para tantos conferentes adidos... Mas Duarte chegou há meses de Pelotas. O relatório sorria; ele foi até o canto da rua da Vala, voltou, fez um sinal... No dia seguinte mandava lá um moleque; três dias mais tarde ele e o

ministro começavam a trabalhar juntos, pela noite adiante. O país ia ver o que era um relatório de fazenda!

Parece que ainda se não falou aqui do dr. J. Mendes. Tem vinte e sete anos e foi promotor no Rio Grande do Sul. Conheceu lá o Duarte, prestou-lhe obséquios; chegou há pouco, com licença, e frequenta a casa de d. Senhorinha. É, porventura, um dos que lhe dizem com os olhos o que a ela já lhe não é dado ouvir. J. Mendes descobriu o caso do relatório. Não porque visse, mas porque lhe disseram. Aliás, não precisava de que lhe dissessem cousa nenhuma. D. Senhorinha tem agora um par de olheiras que contam tudo o que o marido anda fazendo; e fala com uns ares de mártir dolorosa. Na véspera ainda, Duarte teve de organizar umas tabelas. Serviço delicado, cousa de muita confiança. E nem jantou em casa, nem voltou senão no dia seguinte. Esqueceu-se de que tinha convidado J. Mendes para jantar. J. Mendes é que não esqueceu o convite, e foi. Bateu à porta, meio trêmulo, meio receoso.

— O patrão ainda não veio, mas a senhora está...

— É o doutor... Entre!

D. Senhorinha sorria, ao alto da escada; ela própria vinha abrir. Mais bonita, num amplo vestido de cassa. As olheiras estavam talvez maiores; muito pouco, mas estavam, O rosto é que já não tinha nada de mártir, nem a fala. J. Mendes estranhou a mudança; mas não se despediu, não procurou nenhum pretexto para se ir embora. Subiu, muito trêmulo, muito receoso. D. Senhorinha recuou um pouco, para deixá-lo passar. A alma dela devia estar tramando alguma cousa. Foram para a sala. A criada seguia adiante; abriu as janelas, ficou a endireitar umas jarras...

Vá dizer lá dentro que não demorem muito o jantar... Olhe, veja se falta alguma cousa. Seu amo talvez jante fora.

A criada ia embora, mas não foi. Sacudiu umas flores, apanhou uns jornais caídos. Saiu enfim. O Duarte não jantava em casa; J. Mendes achou que se devia admirar.

— Janta fora, o Duarte!?

— Janta, ou não janta. Quem sabe lá o que ele pretende fazer? A mim, disse-me que jantava em casa; mas também o disse ontem...

— E não veio.

— Não veio; veio hoje... Mas quem lhe disse que ele não veio ontem?

— Ninguém... Eu não precisava de que ninguém me dissesse; eu sei...

— Sabe o quê?

— Sei que a senhora... A senhora agora não é muito feliz.

— Não sou? Por que não? O Duarte...

— O Duarte, d. Senhorinha... Escute; a senhora sabe que eu sou muito seu camarada, não é?

— É; o senhor é muito camarada de nossa família.

— Principalmente... da senhora.

— Meu, por quê? Pois não é tão meu camarada como de meu marido?

J. Mendes não respondeu logo. Parece mesmo que a resposta, já a entenderam os olhos de d. Senhorinha. Aquela pergunta veio, talvez, em busca de umas palavras que ela espera desde que o fez entrar. Mas, se J. Mendes não respondeu, ao menos chegou-se mais para ela. Fitou-a bem em face. O. Senhorinha baixou os olhos, corou; ficou assim, contando as tábuas do assoalho.

— A senhora sabe que eu sou mais seu camarada do que dele.

— Não sei nada.

— Sabe, d. Senhorinha.

— Sei por quê?

J. Mendes abaixou a voz; cerrava os lábios, as palavras saíam-lhe através do bigode, ainda perfumadas de brilhantina:

— Lembra-se de quando estava em Pelotas? Me perdoe; eu prometi não falar enquanto ele fosse bom para a senhora. Mas agora não é. Lembra-se do que lhe disse em Pelotas? Nem sabe o que tenho sofrido por sua causa, Senhorinha... Não viu que deixei tudo lá, família, lugar, interesses, tudo? Vim só para poder estar aqui, falando com você, ouvindo o que você diz. Para que há de ficar no Rio, maltratada, esquecida por uma sujeita à-toa? Pensa que o Duarte ainda lhe estima? Há de ver o que ele faz. Olhe, eu tenho um dinheiro junto; vamos viver

no rio da Prata. Quer ir, Senhorinha? É a sua felicidade que eu lhe estou oferecendo.

D. Senhorinha ouvia em silêncio; ou não ouvia. Ficava muito séria, cabeça baixa, olhos fitos no assoalho. Talvez nem sentiu que J. Mendes lhe enlaçava a cintura, nem o viu todo curvado para ela. Mas, de súbito, estremeceu; J. Mendes apertava-a nos braços. E os ouvidos de d. Senhorinha ouviram estas doces palavras melífluas:

— Meu bem, meu amor!

D. Senhorinha levantou a cabeça; olhou-o. J. Mendes repetia a frase, e abanava a cabeça. O cabelo dele brilhava; tinha-o aberto em duas pastas, encaracolado, lustroso de óleo:

— Meu bem, meu amor!

Os olhos, as narinas, a boca de J. Mendes, tudo se abria, melífluo e doce. Não sei que cousa passou pela alma de d. Senhorinha. Foram náuseas, se é que a alma tem náuseas. Pelos olhos sei que lhe passou num relâmpago; talvez o mesmo que ela viu ao nascer, na travessa das Partilhas. Deixou J. Mendes de joelhos no tapete; mal o mandou em hora. “Vá embora, me deixe!” E correu para o quarto. Chorou; chorou muito. Não jantou nem dormiu. Duarte, ao voltar no dia seguinte, ainda a encontrou chorando. Perguntou o que era; não sabiam. Talvez doença.

— É possível, é... O Justino que vá chamar um médico.

E ia saindo, mas parou à porta:

— Olhem, hoje não me esperem para jantar.

A BARRICADA

Passos soaram, não muitos; poucos e mal distintos. Quem era deteve-se, talvez, à porta; mas, se que se deteve, cobrou ânimo e subiu. Dava meia-noite; noite sem luar, escura e úmida. Nasceu daí, porventura, a indecisão de quem vinha. A escada íngreme. Quem quer que fosse, parou ao alto, olhou em roda, bateu palmas, medrosas e tímidas. Ouvia-se-lhe a respiração. O ruído acordou uma voz, dentro:

— Há alguém aí?

— Mandou saber se está melhor, se precisa t1guma coisa...

— De onde é?

Dali defronte, do sobrado...

— Ah! Diga que está assim mesmo... Por ora não precisa coisa nenhuma. Diga que fica muito obrigado, ouviu?

Passos soaram de novo, não tímidos, nem medrosos; rápidos, como os de quem tem pressa de sair. Quem era desceu, parou à porta, colheu as saias, atravessou a rua, correndo, e sumiu-se.

Olhos que me ledes, detende-vos; parece-me que por aí anda uma incorreção. O ruído não foi acordar nenhuma voz dentro. Essa que se levantou lá ao fundo, na sala, mudou talvez de assunto; mas nem se calara, nem dormia há três noites. Calou-se agora; outra surdiu, mais baixa, voz conselheira e amiga.

— Eu em seu lugar, d. Adelaide, tratava de procurar bem... A boca do mundo fala muito, mas não fala sem razão. Se seu mano morresse, já a senhora não ficava atirada por aí, sujeita aos outros, precisando morar de favor...

— Se ele tivesse alguma coisa, já tinha dito.

— Podia não dizer. Não é por falar mal, mas a senhora mesmo sabe; ele sempre foi muito apertado. Gastava pouco e ganhava muito. Eu não via, mas meu marido contava. E não era só meu marido, eram os vizinhos todos. Só aquela causa do Mauá quanto não lhe deu? Pra mais de seis contos de réis. E o resto? Dinheiro não se some; quando a gente não gasta, ele fica.

— E há quanto tempo foi isso? Contos de réis também não duram sempre; às vezes, não duram um ano, quanto mais quatro ou cinco. Se maninho tivesse

dinheiro ele trazia. Não tem nada, creia. Ontem, antes da senhora chegar, ele me chamou. Eu fui. Estava muito amarelo, com os olhos cheios d'água. Olhou para mim, encarou bastante, depois disse assim: — “Adelaide, seu mano vai embora... eu desatei a chorar; ele pegou-me na mão: — “Você sabe que seu mano não tem nem um vintém para lhe deixar, não é, maninha?” Eu disse que sabia, com a cabeça. Ele tirou-me as mãos dos olhos, puxou-me o rosto para bem perto: “Diga se sabe, Adelaide; eu não tenho nem um vintém, não é?” Os olhos dele estavam espetados nos meus. Ficou olhando, olhando... Eu disse que sabia. E vim embora. Se ele tivesse dinheiro, não fazia isto.

— A vista às vezes engana...

— Na hora da morte, d. Lúcia!

— A senhora é muito moça, não conhece o mundo; eu conheço...

— Por amor de Deus!

— Conheço; a senhora é que não conhece. Há de ver...

Escute.

Havia um rumor, pouco pronunciado, contínuo, não muito longe. Calaram-se ambas. Escutavam. O ruído vinha do quarto, ao fundo. Era como um resfolegar de doente. Gemidos acaso; acaso palavras soltas, sem nexos. O que quer que fosse, mal se entendia, através das paredes, das portas cerradas, do longo corredor escuro. Mana Adelaide curvou-se para o lado da sala, pôs a mão em côncavo, bem junto do ouvido. E ficaram caladas, imóveis.

— Parece que está chamando...

— É o vento.

— Vento assim, d. Lúcia!

— Há de ser. Às vezes...

— Olhe.

Gemidos ou palavras soltas, percebia-se que alguma coisa era. Mana Adelaide levantou-se:

— Eu vou ver.

D. Lúcia pôs-se de pé, arredou a cadeira:

— Espere; eu também vou.

A outra sorriu.

Não é por medo, não. A mim não me metem medo os vivos, quanto mais os que estão para morrer. É que eu não gosto. Assim até é melhor; nem eu fico sozinha, nem a senhora vai sozinha também.

Foram. O corredor era longo, longo e escuro.

D. Lúcia levava uma vela. Alçava-a bem, para alumiar o caminho. O vento apagava-a quase. Pararam junto ao quarto. Mana Adelaide abriu a porta, entrou, chamou baixinho:

— Mano Malveiros...

Gemidos ou palavras soltas, o que era calou-se de súbito. D. Lúcia levantou a vela, para alumiar melhor. A luz bateu primeiro na cômoda, por sobre a lampion; passou ao lavatório, parou na cama de ferro. Os lençóis agitaram-se; quem lá estava moveu-se, agarrou-se a eles, virou-se para a parede.

— Maninho está chamando?

D. Lúcia curvou-se para a cama, levantou mais a vela:

— Está chamando, dr. Malveiros?

Malveiros descobriu o rosto, magro, escaveirado, amarelo. Os olhos brilhavam-lhe, muito vivos, muito trêmulos. Ficou olhando, entre desconfiado e severo.

— Não conhece, maninho? É d. Lúcia, a vizinha aqui do canto...

O olhar de Malveiros buscava o de d. Lúcia; o dela é que o não buscava, nem reparara nele. Procurava outra coisa; e daí, bem pode ser que não buscasse coisa nenhuma. Andava da cômoda para a cama de ferro; mergulhava nos lençóis; ia da cama de ferro para as gavetas da cômoda. Traspassou-as, acaso, agudo e fixo que era. Mas, se a alguma coisa buscava, certo é que não a encontrou; voltou da cômoda com uma expressão de desânimo; subiu ao teto, desceu as tábuas do soalho, mirou-se no espelho do lavatório. O espelho disse-lhe porventura que se traía. D. Lúcia compôs o rosto, amorteceu os olhos. Quando Malveiros os encontrou, ressumbravam piedade pelo doente. Mana Adelaide ainda os achou piedosos e amigos.

— Está acabado, não é, d. Lúcia? Quem o viu, há dois meses! Lembra-se daquele jantar dos meus anos? Riu, brincou, dançou... Nem parecia velho! Para hoje estar atirado numa cama.

— Não acho que esteja muito mal, não... Agora, ficar assim no escuro é que lhe não há de fazer bem. Por que não deixa a vela em cima da cômoda?

— Luz forte no quarto! É porque a senhora ainda não viu o que ele faz. Não suporta nem a lamparina; é preciso botar uma cousa adiante, pra não deixar a claridade toda.

— Mas estar assim no escuro não é bom, não.

— É o que ele quer; diz que a luz lhe dói nos olhos...

— Talvez seja por outra cousa.

— Não é por outra cousa; deve doer mesmo. Não viu quando a senhora entrou com a vela, como ele se virou para a parede?

— Enfim, isso ainda pode ser... Mas por que é que não deixa mudar a roupa da cama? Doente nenhum faz isto. E então roupa úmida, como a dele está...

— A senhora sabe; ele quase que não se pode levantar. Já vê que andar de um lado para o outro, para deixar limpar a cama, incomoda. E depois, quando se fica assim, não é um lençol lavado que dá vida.

— Mas não precisava tirar a cama toda, agora parede. Quer ver então que ele está encostado à como é...

D. Lúcia ainda não concluía, e já o lençol lhe estava seguro na mão; seguro por uma ponta. Puxou-o de um gesto rápido, da cabeceira para os pés. Talvez quisesse deslocar as almofadas; se é o que pretendeu, conseguiu-o. Os olhos mergulharam-lhe abaixo delas; regressaram em breve, deslumbrados, acaso satisfeitos. O lençol é que não veio, nem a mão de d. Lúcia. Malveiros agarrou-a, cravou nela os dedos hirtos. O relâmpago que lhe passou pelos olhos não foi tão rápido que ele o não surpreendesse. E segurava o lençol, com a mão livre, com o peso do corpo. Tremia todo, de raiva ou de frio. D. Lúcia teve medo, abrandou os olhos, deixou o lençol livre. Malveiros trouxe-lhe a mão, presa, até a beira da cama; empurrou-a para fora, para longe. Ela curvou-se ainda para a cama, tranquila a fala, os olhos resignados:

— Não quer, paciência. Mas ao menos é bom tomar alguma cousa quente. Porque não toma um caldo?

O olhar de Malveiros traspassava-a, desconfiado, ríspido. Cravou-se no dela; talvez lhe buscasse ler na alma, que não mente. Os olhos mentiam. D. Lúcia insistiu pelo caldo:

— Tome, que lhe faz bem. Nós vamos aprontá-lo, quer?

Nem esperou pela resposta, O que ela queria, era porventura ver-se fora dali. Tomou da vela, pôs-lhe a mão por diante, para abrandar a luz. Voltou-se para mana Adelaide:

— Não é, d. Adelaide? Vamos preparar um caldinho para ele...

Abriu a porta, saíram. Malveiros ficou só. Os passos de d. Lúcia iam-se calando, diminuindo. Ele ergueu-se na cama, não muito; pouco, com dificuldade. Apoiou-se às almofadas, aplicou o ouvido, Já nem se distinguiam os passos de d. Lúcia. Os olhos e o rosto iam-lhe tomando uma expressão de tranquilidade Não digo que se transfigurassem. A, mudança era lenta, como se ainda lhe sobrassem cuidados alerta. Aplicou mais o ouvido. Não vinha ninguém. Sentou-se na cama; as pernas caíram-lhe para fora do chambre, fluas, muito magras, sem cor. Dentro, na sala, havia um rumor de colheres.

Malveiros olhou em roda, voltou-se para a cabeceira, curvou-se um pouco, estendeu o braço. A mão dele mergulhou na almofada; foi lá ao fundo, voltou contraída e trêmula, menos trêmula do que contraída. Não afirmo o que trouxe, porque já se não conhecia bem. Eram papéis, num maço; oleosos, encorpados e úmidos. A alguns, mal se lhes distinguiu um rosto de homem, Talvez nem fosse de homem, Números se que tinham, diversos, pequenos e grandes. Letras também; palavras até, em arabescos, em círculo, mais escuras num canto, mais claras noutra.

O rosto de Malveiros dilatava-se. Súbito, guardou o maço; aplicou o ouvido. Não vinha ninguém. ‘Virou-o de novo, desenrolou-o, pô-lo sobre o joelho. Alisava os papéis; descolou-os depois, com vagar, com trabalho. Ia-os separando, um por um; não em silêncio, alguma coisa se lhe ouvia. Era como se cada papel daqueles lhe arrancasse um gemido. Gemidos ou palavras soltas, Talvez palavras; dir-se-ia que ele contava baixinho, a meia, voz. Talvez estivesse rezando. Mas o que era, acabou. Malveiros leve um suspiro de alívio, de desafogo. Teve-o e ficou sentado, olhando em roda, como quem procura uma idéia.

Se é que a procurava, a idéia não veio; se é que veio, foi repelida. Os olhos dele iam tomando uma expressão de desânimo, de desespero, de dor. Fitava-os na cômoda, no soalho, no teto; passeiava-os vagarosos, pelo chão. Por vezes,

aplicava o ouvido. Não vinha ninguém. Ensaiou uns passos; vergavam-lhe as pernas. Meteu os papéis no seio; sentou-se, curvou a cabeça. Dentro, na sala, a voz de mana Adelaide ergueu-se, alta, surpresa:

— A senhora viu, d. Lúcia!

— Se eu vi?! Vi com estes que a terra há de comer...

Malveiros alçou a cabeça. Alguma cousa o reanimou, por certo. Prestou ouvidos; a voz de d. Lúcia calava-se, diminuía... Brilharam-lhe os olhos, lúcidos, vivos. Não eram os olhos de há pouco, feitos de desânimo, de agonia; eram olhos enérgicos, plenos de força, cheios de vontade. Levantou-se, trêmulo; firmou-se nas pernas, deu uns passos. Andava. Andou um pouco; os passos eram-lhe mais seguros. Foi até à porta... A porta estava aberta, cerrada apenas. Ele fechou-a a chave, com duas voltas. E veio direito à cama; parou, apoiado à cabeceira.

Olhava em roda. Dir-se-ia que lhe voltava a idéia de há pouco; se é que voltava, ficou; aceita, não repelida. Foi até a cômoda. Pisava melhor, mais firme. Parou, curvou-se, agarrou-a pelos cantos, de um lado. A cômoda era pesada, forte; ele puxou-a a custo. Puxou-a mais, arredou-a um pouco; arredou-a, moveu-a para fora. Passou para o outro lado, arrastou-a, moveu-a daí, O esforço cansava-o; suave de um suor frio. E arrastava a cômoda. Deu-lhe uma volta, pô-la ao longo do soalho; empurrou-a mais, levou-a até a porta, pô-la por trás dela, bem junto. Deixou-a ficar aí, tapando a entrada e voltou.

Agora não hesitava mais; andava como quem tem uma idéia fixa. Foi à cama, arrancou-lhe as almofadas, tirou as cobertas, as colchas. Dobrou o colchão, foi pô-lo sobre a cômoda. Agia rápido com delírio, com febre. Tirou as tábuas, foi encostá-las à porta. Voltou, curvou-se junto à cama; correu-lhe os dedos, trêmulos, rápidos, pela cabeceira. Buscava alguma cousa; achou um ferro, tirou-o. A cama dobrou-se, aberta. Abriu-a do outro lado, fê-la bater no chão, arrastou-a até à porta; deixou-a aí, de pé, ao lado da cômoda, de encontro às tábuas, apoiada ao colchão. Por cima de tudo, as colchas, as almofadas, os lençóis.

Voltava, mas parou em caminho. A vontade dele pretendia por certo ir mais longe; as pernas não foram, dobraram-se-lhe, desfalecidas, quase mortas. Caiu de bruços. A vista ia-lhe ficando trêmula, escura; ergueu-se nos braços, pôs-se de joelhos. Talvez se levantasse; não pôde. Arrastou-se, foi de rastros até o lavatório, pequeno, de ferro; agarrou-o por um pé, trouxe-o assim, arrastado, até a porta. Batiam-lhe os dentes; tinha as mãos geladas, gelados os pés. Um frio de morte, horrído e lúgubre, apossava-se-lhe do corpo, subia-lhe à cabeça. Arrastou-se mais, aos poucos, para o meio do quarto; mirou a barricada, viu-a

pequena e fraca; olhou em roda, à procura, pelas paredes nuas, pelo quarto vazio. Os olhos vagavam-lhe à toa; correram-lhe duas lágrimas. E foi através delas que ele lobrigou alguma cousa luzindo, num canto.

Os olhos trêmulos, a vista escura, não lhe reconheceram aquela escarradeira pequenina, de metal branco; o que ele via ia crescendo, crescendo...

Devia ser de prata, pesada e forte. Malveiros tentou mover um braço. Não pôde; o braço pendia-lhe gelado, morto. Moveu o outro, arrastou-se mais, para perto. O que era crescia, crescia... Ele já não via bem; ia-se-lhe cerrando um véu pelos olhos. Estendeu o braço livre, procurou, não via nada. Os pés inteiriçaram-se-lhe. O olhar dele mergulhou numa noite profunda e espessa. Ficou de braços, imóvel. Vinha rompendo o dia. O sol entrou, do alto, pelas janelas; bateu sobre Malveiros, banhou-lhe o rosto amarelo, os olhos vidrados; estendeu-se, alagou todo o quarto de ouro fluido. Lá dentro a voz de d. Lúcia falava, conselheira e amiga:

— Deixe ficar o caldo; já não lhe pode fazer bem. O que a senhora precisa, é arrecadar tudo, logo que ele morra. As vezes aparecem parentes de fora..

MANA MINDUCA

Volto, afinal... Espera-me; irei hoje... Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha casa da rua de Riachuelo, ao canto da rua dos Inválidos. “Volto, afinal...” Mana Minduca fitava atentamente os olhos no papel; sofria acaso da dúvida de que aquela não fosse a sua letra... E mirava o detalhe delgado da escrita. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... Daí, em doze anos a gente muda de letra. Valha-lhe Nossa Senhora! O moleque esperava, tímido, amarrotando o chapéu entre as mãos.

Bendita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escrita. Agora já lhe parecia que era dele; o corte daquele *t*, os *l*...” Volto, afinal...

Era. Mana Minduca sorria; o sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, apareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais dúvidas, era dele; Nossa Senhora trazia-o ao fim. E Mana Minduca, olhou em roda. Pareceu-lhe que se alegrava a sala. A mesa redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, era justamente agora tocada de um raio de sol.

Esses que há doze anos lhe falam do rosto pálido, das lágrimas e da voluntária clausura, vissem-na agora! Mana Minduca sorria; nem se lembrava mais do moleque. Se alguém houvesse, que fosse passando pela rua, que surpresa não haveria de ter quando visse que ela abria as janelas. Abriu-as todas; não um bocadinho, como o fazia há doze anos, não como aquela por onde entrou o raio de sol; abriu-as de par em par. Debruçou-se bem para fora, cantalorando. Voltou, sentou-se. O moleque esperava, olhos fitos no chão, amarrotando o chapéu. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era dele... Milagrosa Nossa Senhora das Dores!

— Tá entregue?

O amo que fosse ficaria para ali, sem resposta, como o moleque. Mana Minduca estava que não cabia em si de contente. “Volto, afinal...” E aquele “afinal” dizia bem. Doze anos há que o espera. Viram-se no fogo da Lapa. Que festa! Povo assim... Mana Minduca deixava-se levar à toa. Chegou a pensar que aquilo já se ia demorando muito. Mas, de súbito, o coração estremeceu-lhe; quase parou, até... Corou muito. Que tinha? Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para trás; os olhos dela achavam sempre um par de olhos que iam em sua procura.

Doces, bem-aventurados olhos! Não unicamente os dela; os de ambos. Os dele então, foi tamanha a impressão que lhe fizeram, a ela, que ainda agora se lhe

destaca a cena da primeira noite (m que os viu. Atenta bem no modo por que ela a faz reviver agora, à simples leitura daquela carta. Parece-lhe que lá vai outra vez pelo meio do largo. Povo, assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampião, quase juntinho do coreto. Doze anos passaram já sobre tudo isto, e ela ainda os revê, aqueles doces olhos. Que festa! Mana Minduca demorava o passo. “Anda mais depressa...” — recomendaram. Era o pai. Ela disse que sim: — “Sim, senhor” E voltou a cabeça para o lado do lampião. Daí por diante andou ainda mais devagar.

Tá entregue?

— Ah! Diga que está entregue... Olhe... Diabo de moleque! Diga que venha cedo, ouviu? As seis horas. Passe pela porta que eu estou na janela. Que venha cedo, ouviu?

O moleque batia longe. Deitara a correr pela rua de Riachuelo acima. Em pouco já se não o avistava. Mana Minduca ficou à janela; os olhos vagavam-lhe ao longe. Se ele não viesse... Mas havia de vir. E fechava os olhos, para revê-lo bem. Que figura teria ele agora? Há doze anos era magrinho, com um pequeno buço, mas em doze anos a gente muda. Deve estar gordo; dizem que em S. Paulo se engorda, por causa do frio. E ele volta de lá — bacharel em direito.

Levou doze anos a fazer o curso. É muito tempo, mas há tanta contrariedade, anos perdidos, moléstias, um horror! Outros se demoraram mais tempo, e vieram de lá sem diploma. Um vizinho, para amostra — o Quincas, neto do conselheiro Domingues. Levou dezoito anos em S. Paulo, e veio com o curso ainda por acabar. Concluiu-o em Pernambuco. Bacharel em direito! Dr. Eduardo de Campos Lustosa. Os olhos viam-lhe já o nome do marido, à entrada da casa, num quadro, assim:

CAMPOS LUSTOSA
ADVOGADO

Campos Lustosa é um nome que fica bem à porta, numa chapa escura, com letras pintadas a ouro... Que depressa que ia o sonho de Mana Minduca! “O dr. Eduardo de Campos Lustosa e d. Carminda de Barros Lustosa participam a V. S. o seu casamento...”

Pensamento de Mana Minduca, detende-vos! Coisas há em que toda a precipitação é perigosa... Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que esperou doze anos pelo noivo e tem-no agora à mão. Vejam com que delícia ela lhe repete o nome, e como o espírito se lhe não afasta das participações de casamento. Dr. Campos Lustosa...” O dr. Eduardo de Campos Lustosa e d. Carminda de Barros...” Aí a dificuldade do nome futuro. Carminda de Barros ou

Carmina Viana Lustosa? O pai é Frederico Viana de Barros; Chico Viana, conferente da alfândega. Viana talvez ficasse melhor, ou Viana de Barros. E ela que sonha já com os seus cartões de visita lilás, dourado nas extremidades, com uma pontinha dobrada e o nome, em corpo minúsculo — “Carmina Viana de Barros Lustosa.”

Volta, afinal! Doida era ela que se não preparava para recebê-lo. E Mana Minduca correu para o quarto. Abria gavetas, fechava gavetas. Três vezes saiu pronta. O espelho, porém, gritava-lhe que já se não sabia vestir. E Mana Minduca voltou. Destrançou os cabelos, soltou-os, trançou-os de novo. Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca veio para a janela.

Veio para a janela. Santa de que ela é devota, poupai-lhe a dor de ficar ali eternamente a esperá-lo... Fora, ia caindo a noite. Mana Minduca debruçou-se quase toda para as trevas; interrogava o fim da rua, longe. Ninguém; a noite apenas. Mana Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da noite. Um homem passou, lépido, correndo de um para outro lado. Atrás dele iam ficando acesos os lampiões de gás... O frio aumentava sempre; frio de junho, frio que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguiu alguém, longe. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Debruçou-se mais da janela. O homem apoiara-se a um lampião; alguém, perto, dizia-lhe qualquer coisa. Agora ele que metia a mão no bolso, tirou um objeto, deu-o. O outro desapareceu, a correr. Em pouco já se não o avistava. E o homem aproximou-se. Talvez fosse o Lustosa... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. A barba inteira cobria-lhe o rosto antipático. Mana Minduca teve vontade de sair da janela. Antes saís-se! Mas ficou.

O homem aproximava-se. Quem quer que fosse com certeza que andava à procura de alguém. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos Inválidos. Depois, veio, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de lhe dizer o que quer que era. Ela própria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia, O homem foi até mais adiante, e voltou.

Agora, vinha resolutamente. Deteve-se à porta, tirou o chapéu. Que diabo queria ele? O homem murmurava alguma coisa. Mana Minduca debruçou-se mais, para ouvi-lo.

— O sr. Viana de Barros?

— É papai; mora aqui mesmo.

O homem levantou a cabeça, fitou-lhe bem o rosto magro. Que olhar curioso! E agora o rosto dele tomava uma expressão de piedade:

— E... E uma sua filha solteira?

Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto:

— E uma sua filha solteira?

— Minduca? Sou eu.

— Ah! É a senhora?

E o homem levou a mão ao chapéu. Santa de que Mana Minduca é devota, dize-lhe que esse que aí está é o mesmo que ela espera há doze anos. Mas o homem levou a mão ao chapéu:

— Ah! é a senhora! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze anos de lágrimas envelhecem a gente. Nessa que aí ficou à janela, quem há que possa reconhecer a moça do fogo da Lapa? O tempo encheu-lhe a face de rugas. Péfido tempo! A ele a culpa de que esses dois namorados já se não reconheçam ao cabo de doze anos. Vejam como o Lustosa lá vai, a toda pressa, à procura do bonde. Esse não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou à janela. Não sabe quem ele é, não compreende nada. Espera sempre, como na véspera, como há doze anos. E a noite aumenta, o frio cresce com ela; Mana Minduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...

CÃO!

Sol a pino; esbraseado, rútilo sol de janeiro...

Tangendo a tropa — de volta do mercado longínquo — o Rufino estacou, de súbito, ao súbito chamado de tia Rita. E à porta da casinha branca, dentre os galhos ásperos dos espinheiros, a figura encarquilhada da velha chamava-o de novo;

— Eh lá, Rufino!

Sua bênção, tia Rita!

Calor danado, hein?

Parece que não passa sem chuva...

— Nossa Senhora que mande.

Em roda, pelo mato mirrado e seco, secas, mirradas árvores se levantam, ávidas, para o céu. E, por entre a relva queimada, ao acaso dos campos, apenas os longos, áridos caminhos de areia refulgiam ao sol, O Rufino demorava-se um pouco, a arredar as mulas para junto dos espinheiros da cerca; sacudiu o suor, a um rápido passar dos dedos pela testa. E veio, chapéu ao alto, enrolando o cigarro tirado da orelha:

— Forte sempre, hein, tia Rita?

— Não vê! Caco de velha que a maldita nem deixa parar. Mariana já levantou?

— Levantou?! Nossa Senhora que tenha pena dela. De já hoje se foi chamar seu dr. Paixão.

— Eh! Ruim assim?

— Ruim de não tirar a cabeça da cama.

Um corvo pairava alto, voando em círculo. E a sombra negra da ave passou, rápida, por sobre a cabeça da velha. Tia Rita franziu as sobrancelhas:

— Vá longe o agouro! Cuidado com ela, hein, Rufino...

— E eu cá que já vou andando pra casa...

— Deus que te acompanhe!

O Rufino estalou o chicote no ar. E, sacolejando os jacás vazios, a tropa embicou pela estrada fustigada do sol. A casinha de tia Rita ficou para trás, muito alva, com os seus ares de eremitério em meio das roças queimadas — como uma capelinha ao centro de um campo talado pelo incêndio, pela devastação e pela morte. Ao longo da estrada nem mais sombra humana aparecia. Eram apenas, no ar imóvel, folhas imóveis de árvores imóveis. E só de entre duas mangueiras, muito ao longe, num alto, transparecia a casinha do Zé Português — um que, por noites enluaradas, costumava dizer, à guitarra, toda a saudade nostálgica da sua terra.

De novo, lépido, o látigo vibrou, estalando, desenroscando-se no ar. E agora, para lá da curva distante do caminho, emergia da massa de troncos das amendoeiras despidas a ponta aguda da torre da Matriz. Em frente, tranquila e pobre, era a casa. F o Rufino apressava a tropa. Do caminho de areia em brasa, ao trote das mulas, subia para o ar uma poeira fúlgida e fina...

Mas — porque ao fim chegassem — o Rufino (cancarou a porteira; e, enquanto a uma chicotada mais forte, as mulas trotavam para o telheiro ao fundo — à cata de sombra e de água — entrou em casa muito rápido, a indagar do estado de tia Mariana.

Então, tia Rosa, e a velha?

— Assim...

Imóvel, sobre a cama de ferro, no quarto de portas abertas para o ar e para a luz, tia Mariana arfava compassadamente. Os finos braços, amarelecidos e magros, mal lhe sustinham o lençol dobrado por sobre a colcha de chita. Nos olhos vítreos errava-lhe o resto de um amortecido clarão. E tia Mariana movia monótona, maquinalmente, a cabeça. Pela porta entreaberta via-se o quarto vizinho. E nele, junto do oratório iluminado, a Úrsula, vinha de fora, ajeitava um galho de flores de espinheiros aos pés finos e brancos da Senhora da Conceição.

O dr. Paixão viera de quatro léguas mais adiante. E, mais o Tinoco, o irmão da Úrsula, lhe fora dizer que a mãe do Rufino estava, havia oito dias, com uma febre ruim, pusera pé no estribo da égua e atirara-se para a Areia Branca. A porta, ao saltar, perguntara logo se lhe não haviam aparecido uns vômitos. E fora com um ar compungido que lhe buscara o pulso, tateando-o no braço descarnado e emagrecido da velha.

O Rufino entrou, pé ante pé. E o Tinoco, que andava a rachar lenha por ali perto, veio também, cauteloso, e, logo à porta, depôs no chão a foice afiada para a tarefa, O calor abafava fora. No quarto próximo, a um prenúncio de vento, as velas do oratório estremeciam... Pela alta cruz do Senhor Crucificado — um velho Cristo de jacarandá balsâmico e forte — subia uma espiral de fumaça pardacenta; e, mal o vento aumentava, a chama das velas ia lamber os sangrentos, chagados pés do Senhor.

Tia Mariana movia a cabeça, pausadamente, de um para outro lado. Voltara-se; fincara os pés na cabeceira da cama de ferro. E a pouco e pouco, ia-se-lhe amortecendo o clarão moribundo do olhar. Era como se adormecesse, afinal, depois daquelas tantas, longas noites monótonas de vigília... O dr. Paixão fitava-a insistentemente.

Fora, no espaço, uma nuvem tapara por momentos o sol. Ventava agora. E de todo o côncavo do céu, muito alto, vinha por sobre a terra um ar pesado de desgraça e de morte. Pássaros passavam m fuga. Pela estrada adiante, às bruscas, fortes rajadas do vento, levantavam-se turbilhonando, e iam às soltas, pelos campos, as folhas secas das amendoeiras do largo da Matriz. E súbito, relâmpagos abriram um rápido, largo claro no céu.

O dr. Paixão voltou-se para tia Rosa:

— Mudança de tempo... — fez, baixo.

E com os olhos indicava-lhe a calma brusca de Lia Mariana. Mas o calor aumentava, terrível. O Rufino tinha os olhos presos ao rosto amarelecido da velha, O doutor fizera um sinal à Úrsula; e ela foi esperá-lo perto, no corredor.

— Rum!... Mudança de tempo... — repetia Lia Rosa.

E abanava a cabeça, com um ar desolado, O doutor levantou-se, ficou um pouco, de pé, em frente à janela, a mirar o horizonte longínquo. Assobiava baixinho. Deu uns passos até o aparador onde o lampião de querosene descansava num tapete vermelho, de lã. E sumiu-se pelo corredor adentro.

— Ora aí está; já tardava... — observou tia Rosa. — Aí temos nós a chuva.

Grossos, disseminados pingos d'água caíam agora por sobre a areia em brasa. E, a um relâmpago mais forte, a casinha do Zé Português — longe, num alto, entre duas mangueiras — apareceu num fundo de luz amarela, como num clarão de apoteose. Tia Mariana arfava, de novo. Faltava-lhe o ar... Do fundo da casa, escondendo o quer que era, a Úrsula veio então, chorosa, para o quarto. E, logo

ao chegar, disfarçadamente para que ninguém a visse, tirou de uma dobra da saia a vela benta do Santo Sepulcro.

— Ah! É a chuva... Pois mais vale tarde do que nunca... — sentenciou o dr. Paixão, entrando.

O Rufino chegou-se para junto do médico:

— Seu doutor...

E indicava-lhe tia Mariana, inquieta, na ânsia de conservar o ar que lhe ia fugindo:

— Está ruim, não está?

O doutor não respondia. Fitava-o dolorosamente. O Rufino tinha uma coisa a apertar-lhe o coração.

— E agora? — perguntou.

— Agora, só Deus!

“Só Deus!” — Ao lado, no quarto vizinho, a figura aureolada do Cristo — plácido e sereno — refulgia ao clarão das duas velas do oratório... O Rufino fitava o rosto de tia Mariana. — “Só Deus!”

— A santa imagem do Cristo atraia-o como para um sagrado refúgio de fé. E o Rufino esgueirou-se para o oratório iluminado.

— Padre nosso, que estais nos céus...

Caíra de joelhos. E as palavras sagradas da reza borbulhavam-lhe dos lábios, trêmulas e repetidas. “Santificado seja o vosso nome...” E eram padre-nossos por sobre padre-nossos — Agora, só Deus!

“Ave Maria, cheia de graça...” E vinham-lhe ave-marias por sobre ave-marias. “O senhor é convosco, bendita sois vós...” As velas morriam aos is sangrentos do Senhor.

Mas, no quarto da velha, houve um lúgubre ruído estranho. Parecia que todos se haviam levantado a um tempo. E, para logo — ao surdo baque pesado de um corpo — o grito estrídulo e doloroso da Úrsula estrugiu. O Rufino atirou-se para a cama de tia Mariana. De mãos postas, agarradas à vela benta do Santo

Sepulcro, mal sustida pelo Tinoco e pela tia Rosa, a velha, esticada num último arranco, punha os dois olhos vítreos fincados no teto.

O Rufino parou:

— Mãe! — soluçou, num gemido.

— Tenha paciência, Rufino...

E o doutor consolava-o:

— Tenha paciência... Também a minha mãe um dia morreu...

— Morreu!

Não via mais nada, não ouvia mais nada. Os olhos prenderam-se-lhe ao corpo desfalecido da velha, vergaram-lhe as pernas. Ria, de um riso nervoso e trêmulo; chorava, de um pranto sem soluços nem lágrimas. Parecia que lhe rebentava a cabeça.

E um peso enorme oprimia-o, fazendo-o pender para o chão.

Mas, a um relâmpago mais forte, a foice do Tinoco luziu, abandonada, num canto. E, do outro lado, no quarto vizinho, as moribundas velas de cera finavam-se, trêmulas, aos pés sangrentos do Senhor crucificado, O Rufino voltou-se para o Cristo; não tinha um gesto, não tinha uma palavra. Os olhos iam-lhe do crucifixo para o límpido aço da foice; da foice para a imagem sagrada do Senhor.

— Cão! — fez, de súbito.

A foice luzia, de novo, a um rútilo relâmpago mais demorado. O Rufino tomou-a de um gesto brusco, e — mal a apertara na mão crispada e trêmula saltou, num ímpeto, do quarto para o oratório iluminado. Fuzilava-lhe a cólera nos olhos avermelhados e úmidos.

E, a um golpe, loira e fina, a benta Virgem da Conceição voou em pedaços. E a outro golpe, a outros, àqueles desencontrados, doidos golpes sacrílegos, piedosas Virgens santas, e sagrados Apóstolos, e bentos registros imáculos redomoinhavam no ar.

— Cães!

A imagem do Senhor fitava-o do alto, serena e aureolada. O Rufino vibrou-lhe a foice, certa e rápida. E eram novos golpes, doidos, repetidos golpes certos.

Mas, porque a foice lhe escapasse, a um gesto mais violento, tomou do crucifixo pelos pés. Vibrava-o agora às tontas, contra as paredes contra os móveis, contra os portais. Tia Rosa, muito pálida, correrá para arrancar-lhe a imagem. Mas o Rufino galgara a porta. A chuva caía em torrentes. Rútilos, rápidos relâmpagos cortavam o ar. E como uma cachoeira enorme, o vendaval descompassado bramia por todo o campo em redor.

— Cão!

O Rufino atirou-se, estrada a fora. Tia Mariana ficara de olhos vidrados, muito hirta, ao centro da cama de ferro. E o Tinoco correrá a pôr fora a água tia talha, para não fazer mal. O Rufino subia sempre, galgando a árida estrada, através da tormenta. Agora, revolteava o crucifixo no ar. Vibrava-o de encontro às cercas, rachava-o de encontro às rochas ásperas, partia-o de encontro aos ásperos troncos nus. E, do alto — alma doida! — vinham-lhe os soturnos gritos roucos, por entre as sombras da tarde que morria:

— Cão!... Cão!...

GENIAL ATOR!

Já me não lembra qual era o título da peça que por aquele tempo se representava no S. Pedro. Parece-me que era o *Demônio do Mal*; o *Demônio* ou a *Vilania de Rei*. Vá que fosse a *Vilania*. Belo drama! Os jornais achavam que era uma peça filosófico- sociológico-moral, e acrescentavam — “é mais uma pérola arrancada ao glorioso escrínio do festejado dramaturgo Borbas de Vasconcelos”. O Borbas era também o autor dos *Desgraçados que Riem*, que já haviam dado uma dúzia de representações. E por tudo isso rejubilava. Quem não rejubilava era o Fabriciano Correto.

Vilania de Rei... O rei era um que por aquele tempo estava no galarim. O Fabriciano fazia de duque duque de Santo Ildefonso. E no 5º ato, brandindo a espada, rangendo os dentes, pálido e trêmulo de raiva, tinha que recitar uma fala enorme, da qual a frase última era, por assim dizer, o maior atrativo da representação.

É preciso confessar uma cousa — o duque de Santo Ildefonso não era papel para as forças do Fabriciano. Ele nunca fora homem para indignações, nem para gritos. Se lhe houvessem distribuído um tipo de homem pacato, dado a conselheiro, amigo da humanidade, teria feito um sucesso... Mas não lho deram. De modo que o pobre diabo do *Mamami* lá se arranjou como pode. Se não chegou a fazer um brilhareto não foi por falta de ensaios. Quinze dias antes, já ele brandia a bengala e berrava como um doido no seu quarto da rua de Riachuelo.

Ah! o *Mamami*! O tal que por aquele tempo estava no galarim dizia dele que “era de gloriosa memória”. Outros achavam-no apenas um pobre- diabo de burguês. O Borbas, o próprio Borbas, dissera dele, encolhendo os ombros: — “É um pedaço de blasé”. O Fabriciano não compreendeu o blasé, mas zangou-se, deu o cavaco. E maior cavaco dava ainda quando lhe chamavam o *Mamami*. *Mamami* era um resto do *Mamã-mi-qué-ovo* com que uma vez o haviam alcinhado no colégio. Meio tate-bitate, danado por ovos, o Fabriciano pedia-os assim, na na sua meia língua: — “Mamã-mi-qué-ovo”. E o Mama-mi-qué-ovo ficou.

Quando a *Vilania* foi à cena a crítica inteira acudiu ao teatro. Já pela manhã os jornais tinham anunciado que “um brasileiro de talento, o sr. Borbas de Vasconcelos, fizera mais uma tentativa em favor do nosso depauperado teatro nacional”. O Borbas torceu o nariz ao “senhor”, mas achou agradável o “brasileiro de talento”. À noite, ao ver o teatro cheio, sorriu, esfregou as mãos, e foi para os bastidores, para animar a rapaziada.

Subiu o pano. O primeiro ato da *Vilania* passava-se num jardim do real palácio, “por uma plácida, por uma perfumosa noite de luar”, como lá se dizia na peça. O Fabriciano ainda não entrava; se entrasse não haveria motivo para a sua indignação do 5º ato. Quem entrava era a duquesa — a honesta Santo Ildefonso! O rei também entrava, apressadamente até. E das revelações de semelhante encontro, e de todo o apaixonado diálogo de ambos, resultava que os Santo Ildefonso ficavam moralmente obrigados a baixar a cabeça ao peso daquilo tudo.

O caso não se complicava muito por isso. O rei fazia ao nobre Santo Ildefonso a honra insigne de lhe conceder o pariato...” por amor dos seus grandes serviços e dos da ilustre dama, a virtuosa duquesa...” Talvez que principalmente por estes últimos. E daí, pode ser que não. “É mais um para nossa família!” — exclamava um velho Santo Ildefonso, ao saber da boa nova. “E é a ti que eu o devo!” — gritava o duque, reconhecido, atirando-se de braços abertos para a sua cara mulher.

Acabava aí o 19 ato. Não é preciso dizer que a *Vilania* foi um acontecimento. Pelos corredores, durante o intervalo, não se fazia senão comentar o sucesso do Borbas. “Aquele ladrão tem talento como o diabo!” — achava um rapazinho metido a cousas de literatura. Mas o Teodorico Valente, dramaturgo como o Borbas, tinha diversa opinião. No seu entender a *Vilania* era uma formidolosa estopada.

Num ponto estavam todos de acordo — na frieza com que o Fabriciano dissera a frase final. Toda a gente esperava que ele se reabilitasse dali por diante. Veio o 29 ato, desenrolaram-se mais dois outros, chegou o último, onde se rompiam as cataratas do ludibriado Santo Ildefonso. Era aí que ele tinha de brandir a espada, trêmulo de ódio, fulo de indignação. Mas o pobre do Fabriciano não era homem para essas cousas; esforçou-se, gritou a valer... À toa! Por pouco que não compromete o papel.

Entretanto, a *Vilania de Rei* fez barulho, O Borbas chegou a ser por alguns dias uma celebridade. Falou-se em dar-lhe um banquete, pediram-lhe uma cena cômica para o benefício do tal que estava no galarim; e ao mesmo tempo que pelos a pedidos do Jornal, num longo entrelinhado, *Um Espectador* lhe deprimia o mérito para salientar o do Teodorico Valente, em Maxambomba fundava-se o Grêmio Dramático Borbas de Vasconcelos.

O Borbas estava radiante, O Fabriciano, porém, desesperava-se com o não ser aplaudido, nem ao menos na cena do 5º ato. Para os outros palmas flores, para ele nada. Num belo dia houvera lá pelas galerias um certo ruído muito inquietador. Valeram-lhe uns bruscos *psiu!* atirados dos camarotes para o alto. Mas a tempestade podia desabar, lá se iria tudo quanto Marta fiou. O

Fabriciano punha-se de novo a ensaiar a grande fala, no quarto da rua de Riachuelo, brandindo ameaçadoramente a bengala, berrando como um possesso. Coitado do Fabriciano!

O suplício durava-lhe desde as notícias da primeira representação. O Globo logo no dia seguinte, afirmava: “O sr. Fabriciano estava evidentemente deslocado no seu papel”. O *Jornal* dizia: “... O sr. Fabriciano quase que sacrificou a bela cena com que termina o 5º ato”. A *Gazeta*, então, chegava a fazer um trocadilho. “O sr. Fabriciano’ Correto é que não foi correto nem nada.” O Fabriciano não fez escândalo porque não era homem para indignações. Veio-lhe, porém, a idéia de arranjar uns aplausos também para si. Como diabo os havia de arranjar? O Fabriciano não sabia, mas havia de ver. E pôs-se a pensar e a matutar no caso. Afinal parece que tomou uma resolução. Parece. Ele não a comunicou a ninguém, nem ao empresário, quando lhe foi pedir, pela manhã, “que fizesse o favor de lhe adiantar cento e cinquenta mil-réis”.

À noite, o S. Pedro regurgitava. Pudera! “Hoje, maior sucesso da época, 18ª representação da *Vilania de Rei!*” — tinham apregoado os jornais. À porta, um grande cartaz anunciava para o dia seguinte ainda “o maior sucesso da época”. O Fabriciano, perto, ensinava a uns sujeitos onde era a subida para as gerais.

Pano acima, começou a *Vilania*. O jardim do 19 ato aparecia agora um bocadinho mais escuro, conselho do Borbas, para melhor efeito da lua. E a um lado, sob o caramanchão, o soberano e a duquesa trocavam-se juramentos de amor “por aquela plácida, por aquela perfumosa noite de luar...”

O Borbas lá estava no teatro, mirando-se na sua obra, deliciando-se com aquele apaixonado diálogo de ambos, como se nunca o tivesse ouvido, nem tivesse escrito ele mesmo. Outrem deixaria de ir ou de assistir ao espetáculo todo inteiro; ele não. Ele e o Teodorico; este último para ver quando diabo começavam as vazantes. Um Espectador, o mesmo dos *pedidos do Jornal*, já as anunciara para qualquer daqueles próximos dias.

Nessa noite, o Borbas e o Teodorico estavam justamente a pensar que o Fabriciano parecia agora mais à vontade no papel. Parecia, não; estava realmente; ou fosse que ele se tivesse resolvido a dar tudo logo nas primeiras cenas, ou que já se não incomodasse muito com a grande fala do 5º ato, o caso é que o Fabriciano estava agora mais afinado no papel.

Veio o 5º ato. O Teodorico lá se fora sentar na primeira fila de cadeiras, para não perder nenhum dos movimentos do Fabriciano. E o Fabriciano entrou, braços cruzados, cabisbaixo, abatido ainda pela revelação do adultério da honesta Santo Ildefonso. Estrondeou uma grande, uma uniforme, uma entusiástica salva de palmas. O Fabriciano parou, mirou as torrinhas, atravessou

para o fundo, por onde o rei vinha naquele momento a entrar. Nova salva de palmas irrompeu. Desceu ao proscênio. Palmas repercutiram ainda.

E por aquele começo de ato afora foi um nunca acabar de palmas escandalosamente sonoras. Eram palmas por dá cá aquela palha. O rei, o tal que estava no galarim, começava já a desconfiar de tamanha prodigalidade de aplausos. Ali andava por força bandalheira do *Mamami*. E recordou-se do adiantamento dos cento e cinquenta mil-réis. Uma claque! Ora ali estava para o que servira o dinheiro. O idiota do Fabriciano nem ao menos sabia escolher gente esperta para aquilo. O próprio Fabriciano já se ia enfurecendo com o caso. As palmas continuavam, cresciam sempre. Afinal, começou a grande fala, a célebre tirada do 5º ato. “Que o céu vos valha, senhor; mas ides restituir-me aquele coração que era meu!”

Restituir-lhe o seu coração! O rei estava mas era a debochá-lo, meio virado de costas para o público. Fazia-lhe caretas, fingia que também lhe estava a bater palmas. E, súbito, num ponto da cena, porque tivesse de investir para ele, e valendo-se do barulho que faziam as palmas:

— Eh, *Mamami*! gritou.

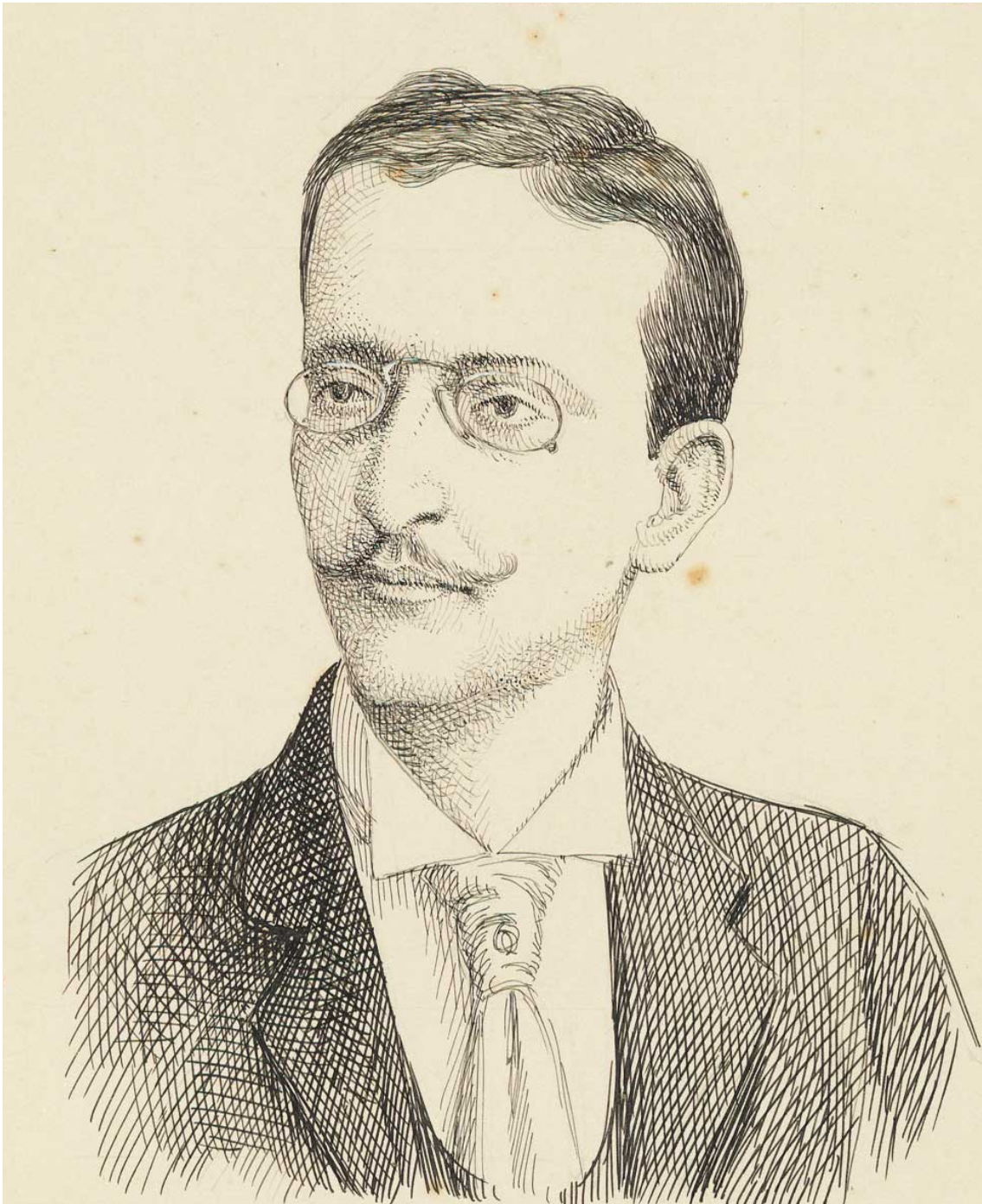
Mamami! O Fabriciano perdeu as estribeiras. Era demais, também aquilo era demais. E atirou-se, espada em punho, para o canalha do rei. O braço tremia-lhe de raiva, as palavras saíam-lhe freneticamente, borbulhando, prenhes de ódio, coruscantes de indignação.

“*Mamami*! Espera, pedaço de canalha!” — E as palmas cresciam cada vez mais. Agora era a platéia inteira. Ninguém ouvia o que estava dizendo o Fabriciano; viam-lhe apenas a indignação nos gestos, a cólera na fisionomia. E toda a gente achava que aquilo era verdadeiramente magistral.

Era à toa que o ponto berrava os últimos trechos da grande fala...” Por esta espada que tenho vos juro que daqui não saireis vivo, senhor!” — Qual vivo, qual nada! “*Mamami* é ela, meu grandessíssimo cão!”

O rei não esperou o golpe do Fabriciano para se deixar cair morto no palco; atirou-se de costas, mal a durindana silvara, lúcida, no ar. Desceu o pano, muito devagarinho. Toda a gente batia palmas, delirante, quase doida. A sala inteira vinha abaixo, à diabólica barulhada de toda aquela ovação. Um espantoso sucesso! O Borbas, sôfrego, a acotovelar toda a gente, atirou-se para o camarim do Fabriciano, para lhe agradecer a sua interpretação. E o Teodorico — o Teodorico ele próprio! — teve esta simples, esta eloquente, esta convencionadíssima frase:

— Genial ator!



Pedro Rabello (Desenho) – Biblioteca Nacional Digital

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014